

# am

AVE MARIA - REVISTA MENSAL - ANO XC  
Nº 6 - JUNHO 1988 - Czs 120,00



**A PRESENÇA ATIVA DE MARIA**

**CORAÇÃO DE MARIA, REFÚGIO DOS PECADORES**

**As lições da escravidão para além do ano 2000**

# O rosto de minha Igreja!

Pe. Zezinho, scj

*O rosto da minha Igreja tem os mesmos traços do rosto do meu povo.*

*Eu o vejo todos os dias quando passo pelas ruas, quando celebro a liturgia, quando dou esmola, quando canto com eles, quando escuto suas palavras gramaticalmente incorretas mas tão sábias de conteúdo; eu o vejo até quando não me dou conta, parado numa esquina enquanto eles passam, olhando de minha janela quando eles conversam sobre o desemprego e a última injustiça do patrão, ou sobre a filha que vai casar com aquele moço desempregado.*

*Olho aqueles rostos de mães cansadas, prematuramente envelhecidos, vejo aqueles rostos de pais cansados, deformados, descuidados, enrugados; observo aquelas bocas sem dentes, aqueles olhos fundos e pouco saudáveis, olho mais fundo no rostinho das crianças subnutridas, naqueles dentes caídos e cariados, naquela dor de rostos crispados ainda na inocência, analiso um por um os rostos de meus interlocutores e não consigo escapar à comparação.*

*O rosto de minha Igreja é como o da maioria do povo.*

*Bonito, mas de uma beleza triste de quem se sente oprimido e sem tempo de cuidar do visual.*

*Enrugado, cansado, crispado, desdentado, olheiras fundas, mal cuidado, mas humano, profundamente humano.*

*Eu não havia percebido isto, mas minha Igreja tem um rosto.*

*E não é um rosto maquilhado e bem cuidado.*

*É o rosto da maioria.*

*Tem um pouco de raiva e muito de perdão, tem toneladas de resignação, tem traços de desespero e fome, tem medo e insegurança, tem esperança teimosa de um dia vir o quadro de miséria mudar em favor da maioria oprimida e ferida, tem também muitas lágrimas de mães e pais sem solução para as dores dos filhos, e tem a brejeirice de rostos jovens que entre um riso e outro se contraem ao pensar no futuro que lhes bate à porta.*

*Não.*

*O rosto de minha Igreja não é suave nem daria capa de revista, por mais que fosse retocado.*

*Mas é um rosto bonito.*

*E é bonito porque tem os mesmos traços do rosto de meu povo.*

*Às vezes, não sei por quê, dá-me a impressão de que aquele rosto de Jesus às vésperas da crucificação era igual ao do meu povo e de minha Igreja. Repleto de suor e sangue, mas suficientemente sereno para que nele se lesse o desenrolar da História...*

*O rosto de minha Igreja!*

am  
avemaria

90 ANOS

Propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos.

Fundada em 28 de maio de 1898. Registrada no SNPI sob n.º 221 689, no SEPJR sob n.º 50, no RTD sob n.º 67, e na DCDP do DFP, sob n.º 199. P. 209 / 73 BL ISSN 0005-1934. Publicada na cidade de São Paulo, Brasil.

Diretor responsável: Cláudio Gregianin (MTPS n.º 14 696)

Administração: Hely Vaz Diniz

Arte: Roberta Masciarelli (direção), Rubens Barboza e Nelson Veríssimo (assistentes)

Preparação e revisão: Lupércio E. de Oliveira

Composição, fotolito e impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria Ltda. Rua Martim Francisco, 656 - (Vila Buarque - CEP 01226) - São Paulo.

AVE MARIA é uma publicação mensal da Editora Ave Maria Ltda.

Redação, publicidade, administração e correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 3.º e 4.º andares. Tel. (011) 66-2128 e 66-2129. Cx. P. 54 215 (CEP 01227) - São Paulo (SP).

A assinatura da AM pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque (pagável em São Paulo), vale postal ou valor declarado em nome da Administração da revista **Ave Maria**. - A maioria das cidades são visitadas por nossos representantes, que renovam as anuidades a domicílio; nas demais as renovações de assinatura são feitas por banco ou correio.

Preços: números avulsos: Cz\$120,00; assinatura nova e renovação: Cz\$ 1.200,00; assinatura de benfeitor: Cz\$ 2.400,00

## SUMÁRIO

4. A IGREJA NO MUNDO
6. MARIA: O QUE CRÊEM OS CATÓLICOS, ORTODOXOS E PROTESTANTES
7. A PRESENÇA ATIVA DE MARIA
9. CORAÇÃO DE MARIA, REFÚGIO DOS PECADORES
10. CONSULTÓRIO POPULAR
11. SEM PERDER A TERNURA
12. AS LIÇÕES DA ESCRAVIDÃO PARA ALÉM DO ANO 2000
20. POVO TIKUNA MASSACRADO
22. CIDADES DO MEU BRASIL
24. MEU LAR, MINHA ALEGRIA
26. ALCOOLISMO
27. PÁGINA DO CATEQUISTA
28. A PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA EUCARÍSTICA
31. QUE BOM QUE VOCÊ VEIO!
32. LIVROS RECEBIDOS
33. COLUNA DO MENOR

# Com o coração e com a solidariedade

O mês de junho tradicionalmente é consagrado ao Coração de Jesus. A devoção popular, nesse mês, tematiza as orações com o sentido da misericórdia redentora de Cristo.

Graças a Deus o devocionismo açucarado, intimista e sem estímulo para a prática da caridade vai cedendo lugar à fé mais atuante. O culto ao Coração de Jesus já não quer mais estagnar em êxtases os fiéis, mas internalizar no coração dos mesmos a ternura necessária para a compreensão e o acolhimento e também a firmeza e a consistência de quem aprendeu de Cristo que a fé sem gestos concretos de caridade é nada, como ensina Tiago em 2,14ss.

A figura do Coração de Jesus se associa à do bom pastor que, sensível, procura a ovelha perdida, e corajosamente defende a indefesa do lobo. Ele conhece suas ovelhas e ouve sua voz... Ele atende os clamores do seu povo, Ele é solidário.

A Campanha da Fraternidade desse ano tem motivado muitos estudos e debates sobre a sociedade e o negro, sobre a Igreja e o negro, sobre a escravidão e a libertação.

Nesse número, a revista *Ave Maria* traz o artigo "As lições da escravidão para além do ano 2000", de José Carlos Salvagni. Ele aponta para a necessidade da Igreja retomar continuamente a missão do Bom Pastor. A história brasileira da escravidão delata séculos de omissão e deles a herança de preconceitos, discriminações e de espírito racista desumano. A Boa Nova não tem sido suficientemente anunciada e praticada de forma comprometida e solidária com os escravizados. O pastoreio da Igreja não chegou a ser suficientemente Boa Nova. Resta agora rever com humildade o passado, deixar penetrar no coração e na mente o Espírito do Deus que não faz acepção de pessoas e tomar o necessário cuidado para não pactuar com as atuais estruturas que mantêm pessoas escravizadas à miséria.

Este número também apresenta "A presença ativa de Maria", num artigo do Pe. José Cristo Rey. Materna e meiga, ela soube viver a ternura e a fé como Jesus Cristo ensinou. "Fiel a Deus e guiada por Deus", proclama no *Magnificat* o Deus da alegria que olha com carinho os humildes e despede os prepotentes e orgulhosos sem nada. Maria é modelo e exemplo de sensibilidade mais próximos do Coração de Jesus. Haja vista sua delicada atenção em atender a sua prima Isabel, sua preocupação diante do desaparecimento do Menino Jesus, sua caritativa intervenção junto aos neocasados de Caná, mas também sua firmeza no *Magnificat*, sua dignidade ao pé da cruz, sua presença solidária na Igreja nascente, no Pentecostes.

Como pastor e também como mãe, a Igreja — todos os cristãos — tem, por coerência da fé, de tutelar todas as ovelhas do Senhor, mesmo as de outros apriscos, especialmente as mais fracas e marginalizadas.

P.C.G.

Foto da Capa: (Série AM 90 anos)

"MADONA DO SABIÁ" — Pintura de Antônio Paim Vieira. Maria é representada por uma figura de jovem mestiça, fruto da miscigenação das raças. Tem nos traços, no gesto, na atitude, a graciosidade peculiar da nova raça. O menino — Jesus

—, vivaz, travesso, brejeiro, mãos abertas, dando a impressão de mobilidade constante, estende a mãozinha para o sabiá pousado nos dedos de N. Senhora. Ao fundo a "casa-grande", lembrando um passado de opulências, e um grande cruzeiro, lembrando o sofrimento, o sacrifício e a dor.

### PM espanca e mulheres abortam em Goiânia

Goiânia (AGEN). Cerca de 2.500 famílias de trabalhadores de baixa renda ocuparam uma grande área pública do Jardim Curitiba, região norte da capital, como forma de sensibilizar o governo e tornar pública a condição de miséria em que viviam, e foram despejados no dia 22 de abril, por uma tropa da Polícia Militar de Goiânia.

Segundo levantamentos da Secretaria de Assuntos Comunitários do governo estadual (SEAC), o déficit habitacional em Goiânia é de 84 mil residências para as famílias carentes, com renda familiar de até dois salários mínimos. No começo do seu governo, Henrique Santillo, do PMDB, lançou, através da SEAC, o programa de habitação popular para famílias de baixa renda, que consiste em assentar famílias cadastradas e triadas pela Secretaria em loteamentos semi-urbanizados.

Entretanto, denuncia a Federação Goiana de Inquilinos e Posseiros (FEGIP), o mês de maio já passou e apenas 3.500 lotes foram distribuídos em três loteamentos; jardim Curitiba, Jardim Dom Fernando II e Jardim das Arueiras, que não correspondem a 5% da carência.

**A ocupação.** A grande maioria esperou mais de um ano pela aquisição de um lote, através da SEAC. No dia 22, frisa a Fegip, a resposta do governo veio



depressa: as barracas montadas foram derrubadas com violência. Apesar de todos os órgãos de imprensa de Goiânia se terem negado a divulgar os acontecimentos, à exceção das rádios Difusora e Universitária, imperou a truculência da PM. Homens, mulheres e crianças foram espancados. Uma mulher de 76 anos foi agredida, uma criança de quatro anos recebeu um corte profundo na testa; Beto Cândido, trabalhador, teve uma costela deslocada e sua mulher, Isabel Reis, mesmo atendida às pressas pelos amigos, acabou abortando, no sétimo mês de gravidez. Weslaine Ribeiro, grávida de quatro meses, estava em sua barraca quando os policiais a derrubaram. Resultado: um pedaço de madeira caiu em seu corpo e ela também abortou. Diversas pessoas saíram feridas e outras presas, como parte da estratégia da polícia para desmobilizar o movimento. Entre os detidos, estava Joda José dos Santos, vice-presidente da Fegip. Foi ameaçado e proibido pela PM de voltar ao local. Toda a operação estava sendo comandada pelo jagunço João do Rego e aspirante Carlos, da PM, que comandava 50 homens,

com fuzis e metralhadoras.

**Reforma Urbana.** Com o objetivo de nortear os debates sobre a proposta de Reforma Urbana em Goiânia, que tem 106 mil lotes baldios usados para a especulação imobiliária, a Fegip e a Articulação Nacional do Solo Urbano promoveu, no dia 15 de maio, um seminário para discutir a moradia, meio ambiente, educação, transporte e a política habitacional do governo.

### A Fé na História

**Piracicaba (AGEN).** Foi lançado a 5 de maio, na Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep), interior de São Paulo, o livro *A fé como ação da história*, tese de doutoramento de Ely Eser Barreto César, vice-reitor acadêmico da Unimep. O livro é uma co-edição da Editora Unimep com Edições Paulinas. Numa perspectiva ecumênica, o livro "procura lançar novos fundamentos de releitura bíblica, necessária ao momento atual das comunidades eclesiais brasileiras, no contexto econômico, social e político da América Latina", como destaca o editor Hugo Assmann.



### Presos em Roraima 11 índios Makuxi

Boa Vista (CIMI-AGEN). Permaneciam presos na Penitenciária Agrícola de Boa Vista (RR) os 11 makuxi da maloca Caraparu II, acusados de construir um curral em terras reivindicadas pelo fazendeiro Jair Alves dos Reis. A informação foi prestada a 2 de maio pelos Makuxi Terêncio Luis Silva e Valdir Tobias, respectivamente coordenador e membro do Conselho Indígena do Território de Roraima (Cinter). Eles vieram a Brasília solicitar ao presidente da Funai, constituintes, Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana e Procuradoria Geral do Distrito Federal e Territórios que intervenham no caso para que seus parentes sejam soltos e que sejam tomadas providências quanto à invasão de suas terras.

Conforme conta o coordenador do Conselho Indígena, 7 dos 11 Makuxi presos foram detidos a 15 de abril, enquanto construía em terras da comunidade de Caraparu II um barracão e um retiro de gado. Às 16 h daquele dia, diz Terêncio, apareceram no local 11 agentes da polícia civil, um funcionário da Funai conhecido como Petrônio e seis peões do fazendeiro Jair. Os Makuxi foram obrigados a desmontar o curral e, em seguida, os policiais colocaram fogo no barracão.

#### 66 Prisões

No dia 23, os policiais, desta vez também militares, juntamente com funcionários da Funai e um

oficial de justiça, retornaram ao local e, encontrando os Makuxi reconstruindo o retiro de gado, levaram 66 deles presos. Foram soltos no dia seguinte, e quatro levados para a Penitenciária Agrícola de Boa Vista, onde permaneciam até o início de maio.

O oficial de justiça se dirigia à área para intimar os índios a deixarem aquelas terras, uma vez que o juiz de Roraima deferira o pedido de manutenção liminar do fazendeiro Jair Alves na posse da terra que reivindica. O juiz tomou essa decisão apesar de as terras onde os Makuxi trabalhavam estarem localizadas na Área Indígena Raposa/Serra do Sol, delimitada a partir da Portaria 1845/E, de 29 de maio de 1984.



## Novo tipo de apartheid

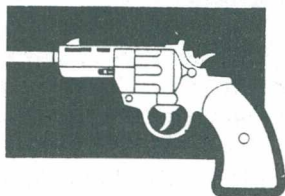
O Secretariado Nacional da Comissão Pastoral da Terra enviou ao papa João Paulo II durante sua viagem à Bolívia, em La Paz, dia 11 de maio, um telegrama sobre o resultado da votação dos Constituintes sobre a reforma agrária, nos seguintes termos:

"Santo Padre. Surdos aos apelos do senhor e da Conferência Episcopal, ontem (10 de maio) parlamentares fizeram fracassar a esperança da refor-

ma agrária pela lei no Brasil.

Tristes, mas não desanimados, comunicamos à Sua Santidade que 253 constituintes, contrariando o pedido feito pelos trabalhadores, que recolheram 1 milhão e 200 mil assinaturas, consagraram na lei o novo tipo de apartheid contra os trabalhadores rurais.

A sociedade brasileira está apreensiva do crescimento da violência do latifúndio. Pedimos sua oração, seu apoio, sua palavra".



## Romaria da terra no Rio

*Rio de Janeiro (AGEN).* A 3.ª Romaria da Terra do Estado do Rio de Janeiro será realizada dia 21 de agosto próximo no Mutirão Sol da Manhã, município de Itaguaí, como forma de solidariedade às 72 famílias que, por ordem judicial, foram despejadas a 25 de fevereiro da fazenda Moura Costa, onde há um ano e meio cultivavam 502 hectares.



## Três novos santos da América Latina

O papa João Paulo II, por ocasião de sua recente visita à América Latina, sua 37.ª viagem, canonizou três santos mártires: Roque Gonzáles de Santa Cruz, João del Castillo e Afonso Rodrigues. Os três são jesuítas. A solenidade aconteceu no dia 16 de maio em Assunção, Paraguai, no quartel Nu Guazu, com a presença de 200 mil fiéis. Roque Gonzáles de Santa Cruz nasceu em Assunção, Paraguai, em 1576, então capital de toda a imensa região do Rio da Prata. Foi martirizado no dia 15 de novembro de 1628, na região que hoje conserva as ruínas da redução jesuítica de São Miguel, cidade de Santo Ângelo, Rio Grande do Sul.

Afonso Rodriguez, espanhol, natural de Zamora, foi martirizado junto com Roque Gonzáles, no Caaró.

João del Castillo, também espanhol, natural de Belmonte, Cuenca, foi martirizado dois dias depois, em 17 de novembro, em Pirapó, localidade vizinha.

Embora não sendo brasileiros, os três mártires são conhecidos como *Os três mártires riograndenses*, porque o local de seu

apostolado e especialmente do martírio é hoje território do Rio Grande do Sul. Os três são padroeiros da diocese gaúcha de Santo Ângelo e várias paróquias os têm como titulares, a exemplo de Crissiumal.

A região missioneira no Estado do Rio Grande do Sul é conhecida como "Sete povos das missões". Os sete santos são: São Borja, São Nicolau, São Luiz, São Lourenço, São Miguel, São João Batista e Santo Ângelo.

### Caaró

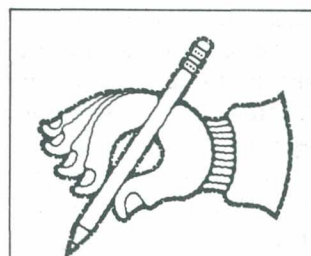
Situado a doze quilômetros de Caibaté, o "Santuário dos Mártires do Caaró" é o pequeno templo erguido no local do martírio dos padres Roque e Afonso.

### Liturgia

No calendário litúrgico da Igreja universal, o martírio dos três sacerdotes é celebrado no dia 19 de novembro.

### Brasileiros

Ao ato da canonização estiveram em Assunção os jesuítas historiadores padres Murilo Moutinho, promotor da causa de canonização dos três mártires, e Hélio Viotti, exímio conhecedor do nosso apóstolo Anchieta.



O poema "O ESTRANHO" que saiu na 3.ª capa da *Ave Maria* n.º 4 é de autoria de OSWALDO DE CAMARGO

*O conhecido e renomado escritor europeu Jean Galot expõe de forma simples a situação ecumênica da Mariologia hoje. Católicos, Ortodoxos e Protestantes têm sua interpretação teológica sobre a maternidade divina de Maria. O autor expôs esse tema em um artigo escrito para a revista italiana Jesus, por ocasião do ano mariano. Transcrevemos aqui esta reflexão.*

*Jean Galot*

Qual é a situação ecumênica da Mariologia? Para descrevê-la reassumiremos as posições doutrinárias da Igreja Católica, da Igreja Ortodoxa e da Igreja Protestante.

### **A doutrina católica**

A Igreja Católica reconhece em Maria a Mãe de Deus. Este título foi definido pelo Concílio de Éfeso no ano 431, para afastar o erro de Nestório. A dificuldade de Nestório era de reconhecer a unidade de Cristo; separando o homem e Deus como se fossem duas pessoas, ele via em Maria somente a Mãe do homem Jesus. O Concílio afirmou que Jesus é uno, homem e Deus, e que por isso Maria é Mãe de Deus, ou seja, da pessoa divina do Filho de Deus feito homem. É sua mãe segundo a geração humana, a maternidade é uma relação pessoa a pessoa. No título de "Mãe de Deus", "Deus" designa unicamente a pessoa do Filho. A fé católica afirma também a virgindade de Maria. Ela concebeu Jesus por intervenção do Espírito Santo ficando sempre virgem, como testemunham os Evangelhos. Maria permaneceu sempre virgem, no parto e depois do parto. Esta virgindade perpétua foi definida como verdade de fé, por algumas declarações infalíveis; em

# Maria: o que crêem católicos, ortodoxos e protestantes



particular, a definição da assunção qualifica Maria "sempre virgem". O privilégio da Imaculada Conceição foi proclamado como dogma de fé por Pio IX em 1854. Isto significa que Maria, no primeiro instante de sua concepção, foi em consideração dos méritos de Jesus salvador preservada de toda mancha, de toda culpa original. A Igreja considera também como verdade de fé, senão solenemente definida, que durante toda a sua vida Maria sempre foi de uma santidade Imaculada. A cooperação de Maria na obra redentora não foi objeto de uma definição dogmática, mas é admitida na doutrina católica, e o Concílio Vaticano II evidencia o valor (LG). Esta cooperação manifestou-se desde a anunciação, com consentimento de Maria ao projeto divino de salvação, continuou durante a vida terrena de Jesus e atingiu o ponto mais alto na

união ao sacrifício da cruz. Ela tornou-se assim Mãe dos homens na ordem da graça. Em particular, tornou-se Mãe da Igreja, nascida do sacrifício do calvário, e Mãe de todos os cristãos. Ela exercia sua missão materna no céu, em virtude de sua posição privilegiada junto a seu Filho. O privilégio da Assunção foi definido por Pio XII em 1950: "ao terminar a sua vida terrena, Maria foi assunta em corpo e alma na glória terrestre". É importante notar que a doutrina mariana da Igreja católica põe em evidência o papel da mulher na obra da salvação. Esta mostra o pleno desenvolvimento da graça em uma mulher e a importância da cooperação feminina no plano divino da Redenção.

### **O pensamento ortodoxo**

Nas Igrejas ortodoxas o culto mariano é muito florescente. A veneração de Maria ocupa amplo espaço na piedade ortodoxa. O esforço de elaboração doutrinal foi menos sistematicamente empurrado, mas as posições essenciais são comuns com os católicos: Maria é Mãe de Deus, sempre virgem, e desempenha o papel de mediadora do gênero humano junto a seu Filho. A teologia ortodoxa não se dedicou habitualmente a estudos aprofundados sobre a cooperação de Maria na Redenção; deve-se todavia assinalar que o primeiro teólogo que desenvolveu a doutrina da co-redenção é um monge bizantino do século X, Giovanni e Geômetra. Os teólogos ortodoxos do nosso tempo refutam os dogmas da Imaculada Conceição e da Assunção, sobretudo por causa da oposição a toda doutrina de in-

falibilidade papal. Mas é no oriente que estes privilégios encontraram seus primeiros defensores. Os ortodoxos atribuem a Maria uma santidade perfeita no decorrer de sua vida terrena e uma elevação gloriosa depois de sua morte. Em Maria estes vêem o modelo da nova criação, a inauguração do mundo divinizado.

### As posições protestantes

Nas Igrejas protestantes se manifesta um comportamento muito crítico diante do culto mariano e diante da doutrina mariana. Este comportamento ou modo de pensar provém da posição tomada por causa da revelação, especialmente das reservas que existem com relação à tradição que desenvolveu um importante papel da mariologia, e da oposição ao magistério pontifício que definiu os privilégios marianos, e favoreceu o culto mariano. Mais fundamentalmente ainda, a oposição à salvação. Em nome da unicidade da meditação de Cristo, a mediação de Maria é excluída. O título de Mãe de Deus não é mais admitido pelos teólogos protestantes que abandonaram a fé na divindade de Jesus. A virgindade de Maria é muitas vezes colocada em dúvida. O culto mariano é, geralmente, deixado na sombra. Todavia recentemente se notou uma certa reação em favor de um reexame das questões marianas. Foram publicados estudos sobre os reformadores para mostrar os elementos de doutrina mariana e de culto mariano que estes tinham conservado. Deve-se ainda constatar por parte de alguns autores protestantes a tomada de posição em favor da maternidade divina de Maria, da sua virgindade, da sua santidade e, às vezes, da sua virgindade, da sua santidade e também da sua mediação. O mosteiro protestante de Teizé favorece o culto Mariano. Entre os anglicanos, notaram-se recentemente iniciativas em favor deste culto, publicações doutrinárias sobre a maternidade espiritual, sobre Imaculada Conceição e sobre a Assunção. Uma mais profunda análise de dados bíblicos poderia favorecer uma aproximação das posições doutrinárias. ■

# A presença ativa de Maria

José C. R. García Paredes



A verdade sobre Maria não é descoberta apenas nos documentos da Igreja apostólica. Os evangelistas nos transmitiram a verdade histórica e principalmente teológica sobre Maria; refletem, em especial Mateus, Lucas e João, a admiração que a vocação dessa mulher, a mãe de Jesus, produziu nos primeiros cristãos. Sem dúvida, o Novo Testamento não deixa Maria encerrada nos estreitos limites da área da Palestina e do tempo do século I. Os últimos testemunhos (do quarto evangelho e dos atos dos apóstolos) apresentaram Maria no momento da “exaltação de Jesus na cruz”, “na hora” da glorificação, em meio à primeira assembléia da Igreja nascente em Pentecostes. Os últimos testemunhos não apresentam “o fim de Maria”, mas sua presença no começo de um “acontecimento” (a ressurreição) e a de uma comunidade (a Igreja) que perdurará para sempre. Os textos do Novo Testamento não nos oferecem “a despedida” de Maria, seu testamento até que volte. Como o discípulo

amado, também a respeito dela Jesus podia dizer: “Que lhe importa se eu quero que ele fique até que eu venha?” (João 21, 22).

De fato, a Igreja não se despediu de Maria. Todas as gerações a chamaram de bem-aventurada. Desde logo, os cristãos se colocaram sob sua proteção, como mãe de Deus. Na vida da Igreja, Maria não é uma lembrança, mas uma presença. É uma presença ativa, estimulante, materna. “Nesse tempo de espera, Maria, por meio da mesma fé que a tornou bem-aventurada, especialmente a partir do momento da anunciação, está presente na missão e na obra da Igreja, que introduz no mundo o Reino de seu filho (LG, 13). Esta presença encontra múltiplos meios de expressão em nossos dias, assim como ao longo da história da Igreja. Possui também um amplo raio de ação” (RM, 28).

Esta meditação pode nos levar a sentir a “misteriosa e próxima presença” que a tantos de nossos irmãos e irmãs fez perceber e viver de forma nova sua vocação cristã.

## 1. "A peregrinação da fé já não pertence a Maria"

Por que são tantos e tantas os que testemunham a presença de Maria em suas vidas? Qual é o fundamento de tais testemunhos? Por que não se diz o mesmo e com semelhante freqüência a respeito da presença de Pedro, Paulo, Teresa de Jesus, ou de qualquer outro santo ou santa?

A encíclica *Redemptoris Mater* refere-se, em várias ocasiões, àquilo que *fundamenta* tantos fenômenos e experiências de Maria através da história da Igreja: o mistério da assunção de Maria, sobre a qual falam os seguintes textos:

a) "A peregrinação da fé já não pertence à mãe do Filho de Deus; glorificada junto ao filho nos céus, Maria já ultrapassou o umbral entre a fé e a visão 'face a face' (ICoríntios 13, 12)" (RM, 6).

b) "Elevada aos céus, Maria não deixou a missão salvadora; ao contrário, sua múltipla intercessão continua nos obtendo os dons da salvação eterna" (LG, 62; RM, 40).

c) "Maria (...) contribui de maneira especial para a união da Igreja peregrina na Terra com a realidade escatológica e celestial da comunhão dos santos, havendo já sido 'elevada aos céus'. A verdade sobre a assunção, definida por Pio XII, foi reafirmada pelo Concílio Vaticano II" (RM, 41).

d) "Com o mistério da assunção aos céus, realizaram-se definitivamente em Maria todos os efeitos da única mediação de Cristo redentor do mundo e Senhor ressuscitado: 'todos viverão em Cristo; mas cada qual em sua ordem: primeiro, Cristo; em seguida, os que forem de Cristo, na ocasião de sua vinda' (ICoríntios 15, 22-23). No mistério da assunção se expressa a fé da Igreja, segundo a qual Maria 'está também intimamente unida' a Cristo porque, ainda que como mãe-

virgem já estivesse singularmente unida a ele em sua primeira vinda, por sua cooperação constante com ele, estará também à espera da segunda" (RM, 42).

e) "Também na Igreja ela continua sendo uma presença materna, como indicam as palavras pronunciadas na cruz: 'Mulher, aí está seu filho'; 'aí está sua mãe'" (RM, 24).

A assunção nos fala, antes de mais nada, do Deus fiel que cumpre suas promessas. Para aqueles que são fiéis à aliança, as promessas de Deus se cumprem "sem demora" e "cem por cento". Quem segue a Jesus "herda a vida eterna" (Mateus 19, 29); e Jesus lhe promete que "lhe preparará um lugar... voltará e o levará consigo, para que onde ele esteja, ali se encontre também seu servidor" (João 14, 2-4). "Aquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos dará também vida aos corpos mortais daqueles que crêem nele por meio de seu Espírito, que neles habita" (Romanos 8, 11)); "Deus intervém em todas as coisas para o bem dos que amam; daqueles que foram chamados segundo os seus desígnios... aos que fez justiça, a esses também ele *glorificou*" (Romanos 8, 28-30). Se Maria é "a primeira discípula de Jesus", "a fiel a Deus" por antonomásia, a "mulher sempre guiada por Deus", sempre dócil ao Espírito, então Deus não cumprirá nela as suas promessas? Maria, elevada ao céu e glorificada, é para a Igreja a garantia do cumprimento das promessas de Deus. Como maravilhosamente diz o Concílio Vaticano II: "A mãe de Deus é já o cumprimento escatológico da Igreja: a Igreja nela alcançou a perfeição, em virtude da qual não tem manchas nem ruga; ao mesmo tempo, os fiéis (...) levantam seus olhos a Maria, que resplandece como modelo de virtude para toda a humanidade dos eleitos" (LG, 65; RM, 6).

Os fiéis sabem que a morte não interrompe a união ou comunhão dos que peregrinam na história como os irmãos e irmãs que dormiram na paz de Cristo; ao contrário, existe entre nós uma admirável e misteriosa comunhão de bens espirituais (LG, 49). Os que estão unidos estreita e definitivamente com Cristo, os que já chegaram à pátria e gozam da presença do Senhor participam da vida e do dinamismo daquele que, "sentado à direita do Pai, atua no mundo sem cessar" (LG, 48); "por ele, com ele e nele, nossos irmãos não cessam de interceder por nós diante do Pai... através do único mediador... Sua fraterna solicitude muito ajuda nossa debilidade" (LG, 49). Se esta é a comunhão com os santos, que características não teria a comunhão com a Santíssima Mulher, mãe do Senhor, a primeira dos fiéis a Deus? Por Cristo, com ele e nele, Maria está presente em nós, atuando em nós. Nela, a ressurreição produziu cem por um. Como estranhar então que milhões de fiéis, comunidades e povos testemunhem a experiência da proximidade dessa mulher bem-aventurada? Não seria essa a chave para entender esse clamor popular do povo de Deus através dos séculos, que proclamou Maria como a elevada ao céu, a ressuscitada, cuja expressão suprema foi a proclamação do dogma da Assunção?

A presença de Maria na Igreja não é excepcional por ser exclusiva, mas por ser "a primeira" na presença dos bem-aventurados na Igreja peregrina. Maria está presente entre nós a partir da admirável comunhão dos santos. Como Igreja celeste. Como protótipo da Igreja peregrina. ■

(José Cristo Rey García Paredes é sacerdote claretiano, professor de teologia e diretor da revista *Vida Religiosa*, em Madri.)



# CORAÇÃO DE MARIA, REFÚGIO DOS PECADORES

Mauro Zequim Custódio, cmf



No sábado seguinte ao segundo domingo depois de Pentecostes (este ano, 11 de junho), a liturgia celebra a memória do Imaculado Coração de Maria. A festa do Imaculado Coração de Maria é celebrada no sábado seguinte à solenidade do Sagrado Coração de Jesus. A proximidade das duas celebrações põe em destaque as íntimas relações existentes entre o mistério de Cristo e o de sua Mãe.

Como na Missa do Sagrado Coração de Jesus, a festa do Imaculado Coração de Maria celebra a misericórdia divina. Deus apresentou o Coração de Maria à Igreja como protótipo do "coração novo" transformado pela graça. Não é sem razão que a piedade popular dirige ao Coração da Mãe de Deus a invocação: "Doce Coração de Maria, sede a nossa salvação!" O Coração de Maria, como "refúgio dos pecadores", tem sido o grande instrumento usado na evangelização para atrair os homens à misericórdia de Deus. Já sabemos pela experiência pastoral que a devoção à Virgem Maria é um grande meio para conservar a fé em Cristo e na Igreja. Maria não somente salvou a existên-

cia da fé do povo, como também os seus valores mais importantes.

O Coração de Maria nós o chamamos de *imaculado*, pois foi isento de toda mancha; é *sábio*, porque soube conservar em si a lembrança das palavras e fatos referentes ao mistério da salvação (Lc 2,19.51); é *dócil*, porque aderiu aos mandamentos do Senhor (Lc 1,48); é *novo*, conforme a profecia de Ezequiel (18,31; 36,26), pois foi revestido da novidade da graça merecida por Cristo (Ef 4,23-24); é *manso*, à semelhança do Coração de Cristo (Mt 11,29); é *simples*, alheio a toda duplicidade e cheio do espírito de verdade; é *puro* ou, segundo a bem-aventurança do Senhor (Mt 5,8), capaz de ver a Deus; é *firme* em abraçar a vontade divina, mesmo na adversidade (Lc 2,35; Mt 2,13; Jo 19,25); é *vigilante*, pois enquanto Cristo jazia no sepulcro, ela estava esperando a ressurreição do Filho.

O Coração de Maria é, antes de tudo, *coração de mãe*, a quem devemos recorrer confiantes para alcançar a misericórdia divina. Nesta sua festa, busquemos o perdão de Deus, experimentando antes o amor misericordioso da Mãe. ■

## AM RESPONDE

**Como devo me comportar, como católico, diante das chamadas "aparições de Nossa Senhora"? (continuação)**

Se a ingenuidade, como falamos anteriormente, é perigosa porque nos pode conduzir à pura doutrina do Evangelho e da Igreja, a oposição teimosa a qualquer aparição também não deixa de ter seu lado negativo.

Em primeiro lugar, quem somos nós para desprezar ou até ridicularizar os que levam a sério uma aparição, principalmente quando ela já passou pelos sérios testes de credibilidade que a Igreja costuma aplicar nesses casos?

Por trás deste modo de agir pode estar se escondendo um certo orgulho racionalista, que nunca foi bom conselheiro espiritual. Há pessoas que têm tanta ogeria a aparições que, se pudessem, proibiriam Nossa Senhora e até Jesus Cristo de se manifestarem ao seu povo! Cuidado! Porque também aqui podem se aplicar as palavras do Senhor: "Eu te louvo, ó Pai, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos"...

Ninguém é obrigado pela Igreja a aceitar esta ou aquela aparição, nem muito menos a pautar sua vida pelas mesmas. Mas a religião não é feita apenas de coisas obrigatórias. E dizer que "Nossa Senhora não precisa aparecer" é ultrapassar os limites de minha pequenez diante do Deus bondoso e imprevisível.

Regrinha de ouro: nem credulidade, nem teimosa!

Dirija suas perguntas a:

**AM RESPONDE**  
A/C P. Manoel Müller, cmf  
Revista Ave Maria  
Rua Martim Francisco, 656  
01226 São Paulo, SP

## HISTÓRIA DE N. SRA. DO PERPÉTUO SOCORRO

### Qual a origem da devoção a N. Senhora do Perpétuo Socorro? (2058)

(L.R.F. - Jacarezinho, PR)

Pintado em Têmpera, sobre uma placa de madeira de lei, de 21x17 polegadas, o quadro original de N. Sra. do Perpétuo Socorro é uma das muitas cópias da famosa "Hodeguitria de S. Lucas" (o quadro que, segundo a tradição, foi pintado por S. Lucas, venerado por séculos em Constantinopla como uma imagem milagrosa e destruído pelos turcos em 1453).

Em fins do século XV, um negociante roubou o quadro do altar onde estava, na ilha de Creta; escapou milagrosamente de uma tormenta em alto mar, levando o quadro até Roma. Lá, antes de morrer, entregou-o a um amigo, pedindo-lhe encarecidamente que o mandasse colocar numa igreja digna. O amigo descuidou-se de atender o pedido.

Nossa Senhora então apareceu ao romano, insistindo com ele para que executasse o encargo, ameaçando-o até

com a morte. Entretanto, dando ouvidos aos rogos de sua esposa, o homem deu pouca importância à ameaça. Pouco depois ele morreu.

Em seguida, Nossa Senhora apareceu a uma filhinha da família. "Vai ter com tua mãe e teu avô — ordenou Maria — e dize-lhes: SANTA MARIA DO PERPÉTUO SOCORRO manda avisar-lhes que ela deve ser tirada de vossa casa; do contrário, em breve todos morriremos." Tomada de pânico, a mulher prometeu obedecer.

Nossa Senhora indicou então à menina precisamente onde o quadro devia ser colocado: na igreja situada "entre a Basílica de Santa Maria Maior e de S. João Latrão". No dia 27 de março de 1499 o quadro foi transportado em procissão solene para a igreja indicada, que era a de S. Mateus Apóstolo. No mesmo dia ocorreu um milagre: um homem que tinha um braço totalmente paralisado ficou completamente curado.

Em junho de 1798, Napoleão entrou em Roma. A igreja de S. Mateus foi arrasada e o quadro desapareceu.

Por sessenta e quatro anos, permaneceu oculto e quase esquecido; até que um dia, durante o recreio na casa dos Redentoristas em Roma, um dos padres mencionou ter lido, num velho manuscrito, que a atual igreja de S. Afonso fora construída sobre as ruínas da igreja de S. Mateus, local onde antigamente fora venerado um quadro milagroso: Perpétuo Socorro. O nome chamou a atenção do Pe. Miguel Marchi. Recordou-se que, quando menino, ajudara a missa na capela dos Padres Agostinianos irlandeses em Santa Maria na Postérula. Lá ele tinha visto o quadro que um velho irmão leigo lhe mostrara.

Meses mais tarde, em fevereiro, o padre Francisco Blosi, jesuíta, pregando sobre o "quadro desaparecido de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro", referiu-se ao desejo da Santíssima Virgem, isto é: que seu quadro fosse venerado numa igreja "entre Santa Maria Maior e S. João Latrão". A notícia chegou aos ouvidos dos redentoristas. O superior geral foi informado, mas decidiu esperar mais três anos para poder agir

### O que significam os símbolos do quadro de N. Sra. do Perpétuo Socorro? (2059)

Assustado pela aparição de dois anjos, mostrando-lhe os instrumentos de sua morte, Jesus corre para os braços de sua Mãe, e com tanta pressa que se desamarrou o cordão da sandália... Maria abriga-o com ternura e Jesus sente-se seguro nos braços de sua Mãe! O olhar de Nossa Senhora não se dirige ao Menino, mas a nós: apelando para os homens evitarem o pecado, causa da morte de Jesus. As mãos de Jesus estão na mão de Maria para lembrar que ela é a Medianeira de todas as graças. Na riqueza de seus símbolos, o ícone bizantino tem ainda muito que revelar; eis uma explicação gráfica:

(Cf. folheto *Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.*)

**Estrela** no véu de Maria, a estrela que nos guia no mar da vida até o porto da salvação.

**Abreviação grega** de "Mãe de Deus"

**Abreviatura** de "Arcanjo São Miguel" apresentando a lança, a vara com a esponja e o cálice da amargura.



**A boca de Maria** é pequena para guardar silêncio; ela fala pouco.

**Túnica vermelha**, distintivo das virgens no tempo de N. Sra.

**Manto azul**, emblema das mães daquela época. Maria é a Virgem-Mãe de Deus.

**As mãos de Jesus** apoiadas na mão de Maria, significando que por ela vêm todas as graças.

**O fundo todo do quadro** é de ouro, e dele esplendem reflexos cambiantes, matizando a glória do paraíso para onde iremos, levados pelo perpétuo Socorro de Maria!

**Coroa de ouro**: o quadro original foi coroado em 1867 em agradecimento dos muitos milagres feitos por N. Sra. em seu título preferido, Perpétuo Socorro.

**Abreviatura** de "Arcanjo S. Gabriel". Ele segura a cruz e os cravos, instrumentos da morte de Jesus.

**Os olhos de Maria**, grandes, voltados sempre para nós, a fim de ver todas as nossas necessidades.

**Abreviatura** de "Jesus Cristo".

**A mão esquerda de Maria** sustenta Jesus; a mão do consolo que Maria estende a todos que a ela recorrem nas lutas da vida.

**A sandália desatada**, símbolo talvez de um pecador preso ainda a Jesus por um fio — o último —, a devoção a Nossa Senhora!

com segurança. Em 19 de janeiro de 1866 o milagroso quadro foi restituído ao lugar de sua primitiva glória: Igreja de S. Afonso de Maria Ligório.

(Luiz C. Botteon, cmf)



## GENFEST

**Gostaria de obter uma  
informação sobre o que é  
Genfest (2060)**

(M.A.G.C - Ituverava, SP)

O nome Genfest significa festival gen. A palavra Gen quer dizer geração nova, e corresponde à parte juvenil do Movimento dos Focolares.

O Movimento dos Focolares, ou Obra de Maria, nasceu na Itália em 1943, e foi aprovado pelo papa Paulo VI no ano de 1962.

O primeiro Genfest realizou-se em 1973 na Itália, onde estiveram presentes jovens dos cinco continentes.

Os jovens do Movimento Gen, junto com muitos outros, se empenham na construção de um mundo unido, percorrendo para isso vários caminhos, tais como o empenho na construção da unidade; entre crenças diferentes; e em situações de injustiça, violência e agressões consumísticas etc...

No Genfest estas experiências são dadas através de testemunhos, músicas, danças e mímicas.

Até 1985 todos os Genfest se realizaram na Itália, porém sentiu-se a exigência de multiplicá-lo em vários países.

No Brasil o Genfest já foi realizado em São Paulo, Recife e em Porto Alegre.

Wellington C. Brandão, cmf

# Sem perder a ternura

Mês de junho. Pensei em dizer alguma coisa sobre a devoção ao Coração de Jesus. Encontrei, porém, alguma dificuldade, pela maneira como freqüentemente é entendida e praticada.

Parece-me que a devoção adquiriu um jeito meio açucarado, sem o apelo das coisas fortes e consistentes, como seria de se esperar do culto ao coração daquele que não recuou perante a morte mais cruel.

Estando nessas perplexidades, veio-me em socorro o retiro espiritual que eu e meus companheiros fizemos, tomando por tema exatamente o culto ao Coração de Jesus.

Como não poderia deixar de ser, fomos diretamente aos textos bíblicos. E o que encontramos?

Encontramos alguém cujo coração se comovia diante dos sofrimentos do povo, mas que não se dava numa compaixão estéril. Repreendia aos apóstolos, por pretenderem mandar embora a multidão faminta, e lhes ordenava distribuir o pão que ele multiplicaria. E meditamos que também hoje ele nos manda distribuir o pão que dadivosamente o Pai multiplicou em nosso país, e que mãos avaras retêm só para si.

Encontramos alguém que proclamava: "Vinde a mim, vós todos que estais aflitos sob o fardo, eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e recebei minha doutrina, porque sou manso e humilde de coração. Meu jugo é suave e o meu peso é leve" (Mt 11,28-30). Leve o peso porque, enviado pela misericórdia do Pai, a generosidade do coração de Cristo o leva a carregar conosco e por nós a cruz da condição humana que, sozinho, não suportaríamos. Suave o jugo, porque Jesus veio libertar-nos das imposições insuportáveis que os responsáveis religiosos colocavam sobre os ombros frágeis dos pequeninos e humildes.

Encontramos um homem posto

diante da adúltera para que a condenasse, mas que desmascara a maldade hipócrita dos acusadores e audaciosamente perdoa a mulher que apenas fora traída pela fragilidade, dando-lhe forças para não retornar ao pecado. Coração forte para enfrentar a maldade e terno para socorrer a fragilidade do barro de que ele mesmo nos fez!

Encontramos alguém que proferia palavras muito fortes contra os que ofendiam a justiça e não praticavam a misericórdia: "Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Pagais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho, e desprezais os preceitos mais importantes da Lei: a justiça, a misericórdia, a fidelidade. Filtrais um mosquito e engolis um camelo!" (Mt 23,23-24). E de repente, a gente encontra pessoas assim por aí. Eles garantem que falam em nome de Deus. O Coração de Jesus não gosta delas...

Encontramos um coração rasgado pela lança do soldado romano. E não foi simplesmente por um desígnio do Pai, desligado da vivência histórica de Jesus, que isso aconteceu. Não. Foi porque seu anúncio do Reino e suas denúncias contra o anti-Reino contrariam os interesses de muitos, particularmente dos poderosos.

É claro que não deixamos também de ver Jesus chorando a morte de seu amigo Lázaro e a destruição de Jerusalém. Vimo-lo ainda carregando nos ombros a ovelha que se perdera, como o vimos, penalizado diante da viúva de Naim, ressuscitar-lhe o filho.

Em síntese, o Coração de Jesus ensina que é preciso ser manso e pacificador e que é preciso "lutar sem ódio, amar o inimigo, fazer a guerra, em paz. Ser duro, sem nunca perder a ternura". ■

Isidoro de Nadai

# AS LIÇÕES DA ESCRAVIDÃO PARA ALÉM DO ANO 2000

*José Carlos Salvagni*

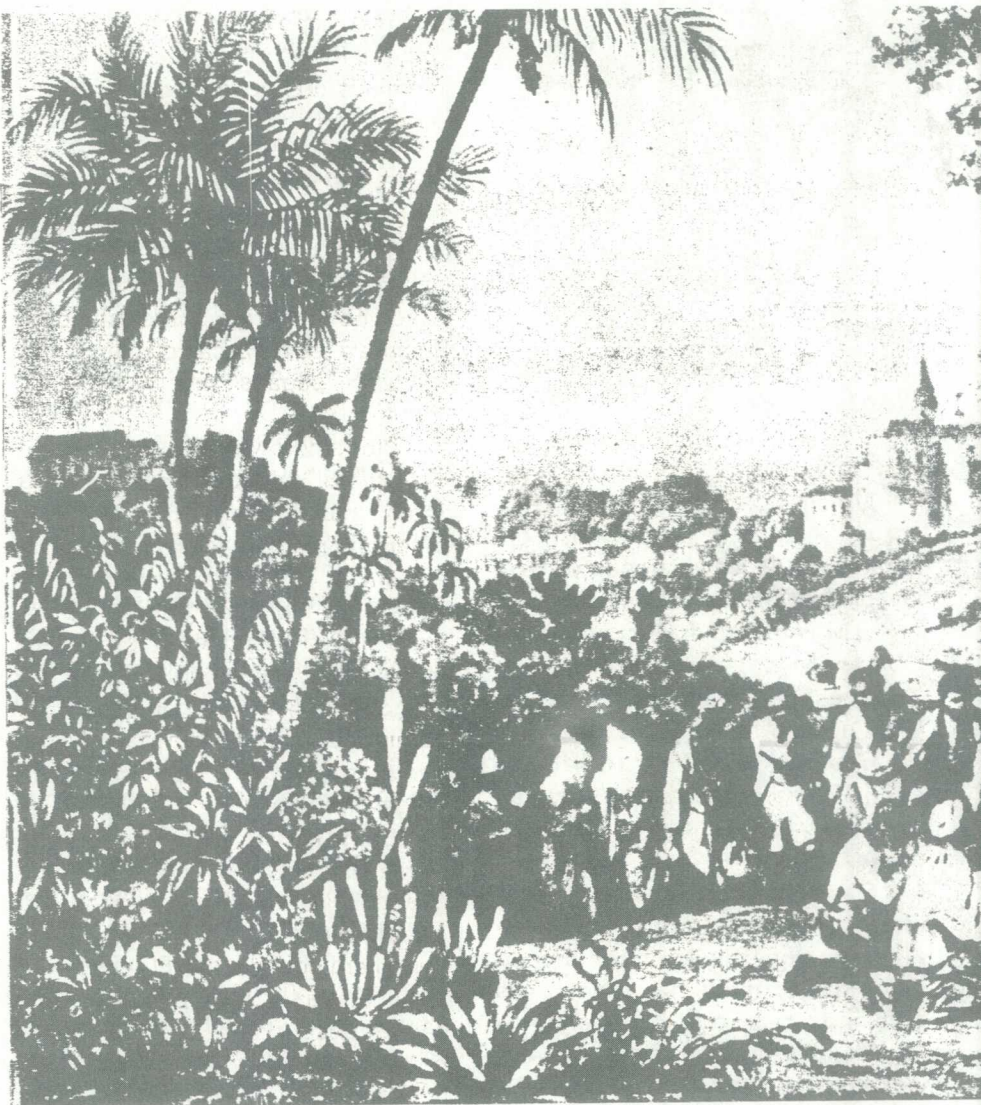
*Por mais de 4 séculos, a Igreja, porta-voz de uma mensagem fraterna e libertadora, endossou a escravidão. Argumentos os mais diversos (como o de que os negros seriam descendentes de Cam, filho ingrato de Noé, e os judeus deicidas) foram usados para justificá-la.*

*Contudo, no liminar do ano 2000, ao menos três lições servem para reflexão: a) não somos menos cruéis que os não-cristãos; b) o "mundo" não é tão mau assim e c) o "mundo" continua a nos cobrar a Boa Nova. É o que propõe José Carlos Salvagni, no último de uma série de três artigos sobre a Escravidão.*

Quem diria!

Aquele continente — cuja escravização contou com o endosso da Igreja Católica,<sup>1</sup> com sua completa omissão nas campanhas abolicionistas posteriores, sendo mesmo muitos conventos donos de escravos<sup>2</sup> — tem lições fundamentais, seja para o futuro da própria Igreja na passagem do ano 2000, seja para a própria civilização, dita "ocidental e cristã", responsável por uma seqüência de violências ao longo da história, entre as quais se inclui a violência contra a África por mais de 4 séculos. Civilização hoje com riscos de auto-aniquilar-se.

As lições que vêm da África, evidentemente, não são oferecidas por



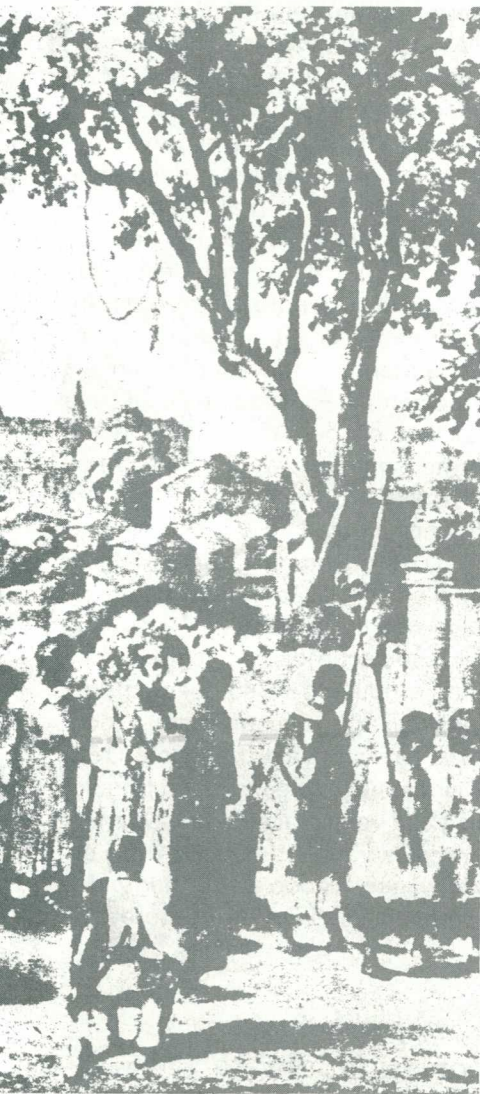
*Gravura de Rugendas: Enterro de um negro.*

qualquer instituto, pessoa, organização etc. Elas decorrem da observação dos fatos e relatos disponíveis (ou encobertos).

E decorrem, principalmente, de uma pergunta como essa que qualquer pessoa pode fazer: como pôde uma instituição portadora da mensagem libertadora e fraterna como a Igreja (ou seja, nós) negar-se tanto ao longo da história, endossando a escravidão, a inquisição etc.?

Mas é o mesmo continente, igualmente, que nos mostra que nós (não por nossos méritos) temos um tesouro — que escondemos, infelizmente, em favor de valores e de "tradições" doutrinárias manifestamente nocivas, duvidosas, indignas desse tesouro.

Disso decorrem três lições — que encerrando uma seqüência de três artigos sobre a Escravidão — faço questão de assinalar.



**1ª lição da escravidão:  
Não somos menos cruéis  
que os não-cristãos. Até  
pelo contrário!**

Os povos indígenas da América (havia cerca de 20 a 25 milhões de índios na época da descoberta da América<sup>3</sup>), as nações africanas, os judeus, entre outros, puderam sentir na própria pele que a tão apregoa-

da "mansidão evangélica" não integrava a forma de agir e a própria diplomacia dos governos das nações ditas "cristãs".

O que descobriram foi o contrário: furacões de violências, de destruição, de escravização, e a geração de jurisprudências e foros legitimadores da violência descomunal que esses povos viram abater-se sobre si, com a revitalização de elementos jurídicos "pagãos" da escravidão romana.<sup>4</sup>

Pior ainda: viram a própria "cúpula cristã" endossar essa violência (com exceção, em parte, da área indígena) e justificá-la, valendo-se de estranhas interpretações de passagens e episódios do Antigo e mesmo do Novo Testamento, distorcendo com isso os próprios textos sagrados e nagando a longa e sofrida caminhada pela libertação, afirmação e a mensagem do povo judeu ao longo da história.

Como é triste ver que uma "teologia do poder" utilizou virtudes evangélicas como a humildade, a obediência e a própria paixão de Cristo em sermões de defesa e justificação da escravidão, da submissão ao despotismo, da negação da pessoa, e dando mais importância à nudez e "sensualidade" dos escravos do que ao fato escandaloso de serem escravos, de não poderem viver com suas famílias etc.

Será que essa "teologia do poder" está enterrada no passado?

A historiadora Anita Novinsky<sup>5</sup> mostra longamente como as manifestações e atitudes da Igreja interessavam profundamente aos governos (e continuam interessando, certamente). Foi por uma bula papal, mostra ela, que D. João III, rei de Portugal, depois de 30 anos de pressões, subornos e jogo bruto, conse-

guiu instalar no país um Tribunal da Inquisição para fiscalizar e punir os judeus convertidos à força ao cristianismo e sob suspeita de praticar a religião judaica. Visava o rei, na verdade, apropriar-se dos bens desse povo.

Os defeitos desse tribunal, extinto em 1821, nota ainda a historiadora, continuam a se fazer sentir na história, nas condições materiais de vida e de mentalidade no Brasil e em Portugal. Não é difícil, por isso, identificar as raízes do ultramontanhismo religioso, do atraso político, da violência oficial contra inimigos do regime em vigor etc. Também as seguidas campanhas nos diversos países da Europa contra os judeus ao longo da história, gerando "pogroms", o genocídio da II Guerra etc., ganham explicações mais objetivas.

Como os negros, os judeus também amargaram as conseqüências do uso indevido dos textos sagrados pelos cristãos no passado. Os negros, entre outras coisas, como mostraremos adiante, tinham sua escravidão justificada também pela "tradição" de serem considerados descendentes de Cam, o filho de Noé, amaldiçoado por ter rido do pai que, bêbado, ficou nu.<sup>6</sup> Os judeus, acusados de deicidas no passado (assassinos de Deus), absurdo que um rabino, num livro comovente, após perder sua família na II Guerra pelo fato de ser judeu, se encarregou de enfrentar, ao traduzir e comparar exaustivamente para os católicos o Evangelho.<sup>7</sup> O livro teve muita influência no Concílio Ecumênico Vaticano II, reforçando a posição de João XXIII. Na declaração conciliar "Nostra Aetate", finalmente, os equívocos são desfeitos.<sup>8</sup>

A escravidão africana, assim,

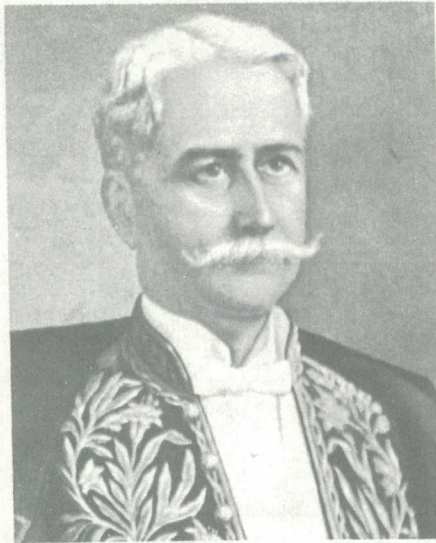
começaria com o endosso da Igreja Católica. No afã de combater os mouros, a Igreja apoiava as nações cristãs que o faziam com armas. Mas o papa Nicolau V jamais poderia imaginar o desastre secular que causaria ao continente africano (e ao Evangelho) ao emitir a bula *Dum Diversa*, em 1442, pela qual outorgava a Afonso V, rei de Portugal, o direito de "atacar na costa da África os infiéis ou sacerdotes, escravizar suas pessoas a apropriar-se de seus bens".<sup>9</sup> Nem o papa Calixto V poderia ter, talvez, suficiente clareza da extensão das conseqüências do que fazia ao outorgar à Sociedade de Jesus (os jesuítas), em 1456, a jurisdição eclesiástica sobre a Guiné, com o encargo de batizar os negros, a tanto por cabeça.<sup>10</sup> Esquecia-se de que a própria Igreja proibia a escravização de cristãos, por cristãos, sob pena de excomunhão?<sup>11</sup>

### Uma "teologia da escravidão"

Um dos nossos mais ilustres abolicionistas, o aristocrata Joaquim Nabuco, reclamava com freqüência da omissão da Igreja no Brasil (sustentada na época pelo Estado, pelo padroado, que a República, para sua sorte, extinguiu) na campanha abolicionista. No seu livro clássico *O abolicionismo*, deplorava Nabuco:

"Em outros países a propaganda da emancipação foi um movimento religioso, agregado do público, sustentado com fervor pelas diferentes Igrejas e comunhões religiosas. Entre nós, o movimento abolicionista nada deve, infelizmente, à Igreja do Estado; pelo contrário, a posse dos homens (negros) pelos conventos e por todo o clero secular desmoralizou inteiramente o sentimento religioso de senhores e escravos. No sacerdote os escravos não viam senão um homem que os podia comprar, e àqueles, a última pessoa que se lembraria de acusá-los".

Completava Nabuco: "A deser-



Joaquim Nabuco

ção pelo nosso clero do posto que o Evangelho lhe marcou foi a mais vergonhosa possível: ninguém o viu tomar parte dos escravos, fazer uso da religião para suavizar-lhe o cativo e para dizer a verdade moral aos senhores. Nenhum padre tentou, nunca, impedir um leilão de escravos, nem condenou o regime religioso das senzalas".<sup>12</sup>

Nabuco, analisando os costumes de seu tempo, estava certo. A Igreja, ao invés de protestar, de se insurgir, de denunciar, a tudo assistia omissa (e não só no Brasil!<sup>13</sup>). Estranhamente condenava a escravidão indígena, mas não a africana. Não é de estranhar, por isso, que tenha surgido uma espécie de "teologia da escravidão", informal, justificando a existência de escravos a partir de uma compreensão absurda de textos e personagens do Antigo e mesmo do Novo Testamento, de Santo Agostinho, e a partir de versões e "tradições".

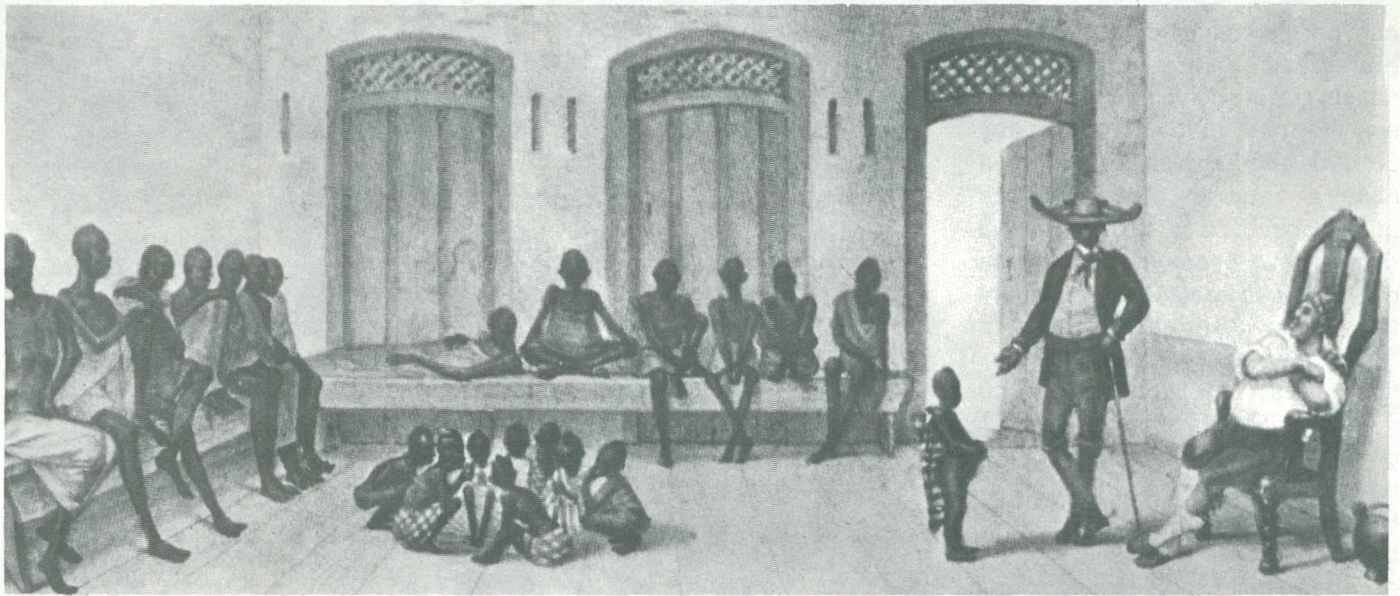
O historiador Ronaldo Vainfas fez, a propósito, um exame de livros escritos por jesuítas, entre 1600 e 1700 no Brasil sobre a escravidão.<sup>14</sup> Ele não fala, evidentemente, de uma "teologia da escravidão", mas alinha alguns argumentos dos religiosos em favor da escravidão: 1) a escravidão era conseqüência do pecado original (o escravo era pecador e penitente); 2) a escravidão era

conseqüência do pecado de Cam (filho de Noé), amaldiçoado pelo pai por ter rido dele, embebedado; os negros descenderiam dele, por essa versão, como mostramos atrás; 3) os negros (também chamados de "etíopes"), como "Filhos do Calvário" (aplicação do salmo 87, pelo Pe. Vieira), foram feitos à semelhança de Cristo para salvar a humanidade pelo sacrifício; 4) a escravidão era o único meio de se criar riquezas no Brasil (Pe. Benci); 5) a escravidão é justa, ou pode ser justa, desde que sejam legítimas as práticas de apresamento (dos africanos, só deles, é evidente, não o inverso), desde que adequada às instituições do direito civil e canônico na matéria. E — particularmente — de acordo com as Ordenações Filipinas, de 1603, e das Ordenações Afonsinas, onde o termo "guerra justa" designava as cruzadas contra os mouros (os "infiéis").

O historiador mostra toda a ideologia de aceitação da escravidão jogada nos livros sobre os escravos; de associação da cor negra aos vícios, atribuindo-se aos negros uma sensualidade "desenfreada", "doutores da malícia e do pecado". O Pe. Vieira mais surpreende o historiador pela sua versão acerca do sofrimento dos escravos ("esse inferno é ilusão"), associando o sofrimento dos escravos à Paixão de Cristo etc.

### O capitalismo foi construído sobre a escravidão

Praticamente todas as nações do Ocidente dito "cristão" da época se lançaram no rendoso tráfico de escravos, cujo período áureo foi o século compreendido entre meados de 1600 e meados de 1700. A descoberta de imensas perspectivas para a produção do escasso açúcar e a constatação de que os cerca de 20 a 25 milhões de habitantes da América, chamados "índios" e de, pelo menos, três grandes civilizações (In-



Gravura de Debret: Mercado de Negros da Rua do Valongo.

cas, Aztecas e Maias) que não serviam aos propósitos de produzir açúcar como escravos, custou caro para a África.

Nem mesmo a França que, através de uma declaração real de 1571, se declarava "mãe da liberdade, não consente escravos", escapou desse comércio. A Inglaterra, que de início preferia as trocas por especiarias, ouro etc., e desprezava o comércio de escravos, passaria depois a construir grandes fortunas com base no tráfico e a ser a principal beneficiária dele. O tráfico foi a base para o que ficou conhecido como "revolução industrial" e o capitalismo, através do "Grande Circuito".

Fortunas rápidas eram assim construídas — dizia-se mesmo que os lucros do "Grande Circuito" eram até 4 vezes superiores aos de qualquer outro comércio da época. Ele consistia em encher navios, construídos em Liverpool, com manufaturados de baixo preço, especialmente tecidos feitos em Manchester. Esses produtos eram trocados por escravos, na África, com os chefes africanos. Na América os escravos eram trocados por víveres e tabaco, vendidos na Europa por bons preços.<sup>15</sup> Ao mesmo tempo, a própria Inglaterra passava por transformações, como o êxodo rural; dele surgiam as cenas de hiper-explora-

ção do trabalho humano, da qual não escapavam as crianças. Nessa cena se desenvolviam as invenções, surgindo as condições econômicas, técnicas e sociais para o aparecimento da chamada "revolução industrial" e do capitalismo.

Quem financiou o surgimento do capitalismo e moldou suas regras — ainda atuais — foi a escravidão.

## 2ª lição:

*O "mundo" não é tão mau assim. Os cristãos têm mesmo muito a aprender com ele...*

Para os adeptos, conscientes ou inconscientes, do pessimismo histórico e pregadores da falência do homem, essa é uma constatação incômoda que o combate à escravidão revelou: o "mundo" não é tão mau assim. Desenvolveu-se com o tempo certa versão religiosa e aparentemente cristã, a partir de imagens da Bíblia, como sobre as decorrências da queda de Adão e Eva, de que se ressalta a maldade do "mundo" como se "mundo" e Deus se opusessem.

É preciso extrema cautela no uso de palavras e expressões do Antigo e Novo Testamento.<sup>16</sup> O "mun-

do", na verdade, é o teatro do homem concreto na sua caminhada histórica à qual Deus está presente.<sup>17</sup> E tem, freqüentemente, lições — descorfortáveis, mas preciosas — para os cristãos, para os que se consideram "eleitos" naturais, com prerrogativas. Lições como a do personagem que, mesmo sem ser discípulo direto de Cristo, fazia milagres em seu nome e que os apóstolos tentaram desautorizar, mas Cristo conserta, dizendo que não deviam tê-lo proibido (Mc 9,38-40 e Lc 9, 49-50). Ninguém tem o monopólio da Verdade, da Santidade, do Caminho, do Julgamento... A luz do sol "pertence" a todos...

As lições do "mundo", desconfortáveis, que a história traz nos mostram que o fato de sermos "cristãos" não nos tornou menos bárbaros, menos cruéis, menos injustos ou mais santos que os demais povos da história. Aliás, até pelo contrário: nós é que devemos explicações ao "mundo" sobre a destruição dos povos americanos ("índios") pela destruição de suas civilizações milenares e de suas nações; pela escravização dos africanos.

O belíssimo movimento abolicionista, surgindo a partir da Inglaterra com a Anti-Slavery Society, que fustigou o quanto pôde o tráfico negreiro (isso desde o final de 1700),

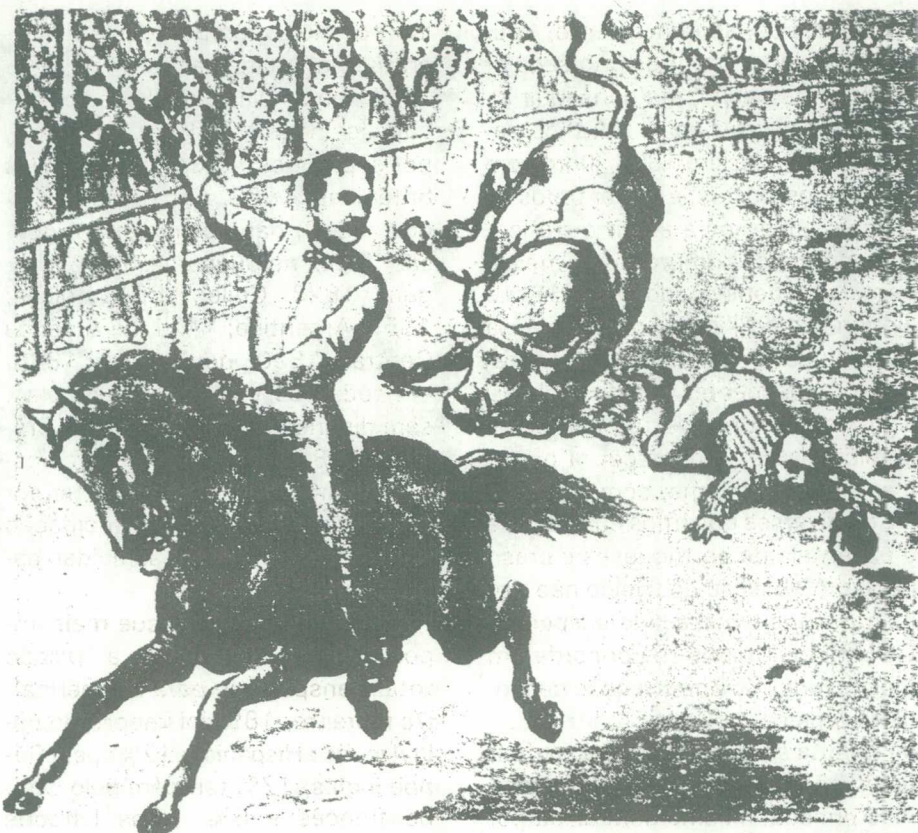
com apelos humanitários, denúncias e pressões sobre os governos responsáveis, até ser livremente vitorioso, não foi um movimento "católico", mas de pensadores, de humanistas e "rebeldes", apesar de Joaquim Nabuco, da Sociedade Brasileira Contra a Escravidão, sustentar que só aqui a Igreja Católica se omitiu.<sup>18</sup> O movimento abolicionista encontrou resistência maior foi mesmo nos países "católicos" típicos, como Portugal e Espanha, a partir de onde cmeçou a escravidão.<sup>19</sup> Também a Declaração dos Direitos do Homem na Revolução Francesa (sobre a qual exerceram forte impacto as lutas dos escravos da colônia francesa do Haiti pela sua libertação) não foi elaborada, propriamente, sob inspiração "católica", embora seja profundamente cristão o espírito do documento.

Como o personagem do Evangelho, que fazia milagres sem estar na turma com Cristo, movimentos do "mundo" nos surpreendem pela sua cristianidade e humanismo... A Igreja, apegada ao monarquismo (a quem defendia com uma "teologia de poder", baseada na "origem divina" desse poder), ficou freqüentemente imobilizada, vendo a história passar.

### **Os números. E a caminhada abolicionista vitoriosa em todo o mundo**

Não é fácil acabar com instituições jurídicas, por novas que sejam. É mesmo freqüente que instituições esquecidas — como as do direito escravista romano — sejam revitalizadas.<sup>20</sup>

A marcha para frente é difícil, porque as raízes dos privilégios estão profundamente fundadas e são tão amplamente abrangentes que aniquilam o que há de melhor à volta. Nabuco, por exemplo, costumava dizer que as instituições da escravidão no Brasil, tão misturadas com



Caricatura da Revista Ilustrada (1885)

as noções de nação, pátria, contudo, tinham tal vitalidade apesar dos anos que, diante de combates como os do abolicionismo, eram folhagens murchas que se revigoravam com o sereno da madrugada.<sup>21</sup>

A lição do movimento abolicionista é muito rica e preciosa para nós, uma lição otimista, construtiva, afirmadora do homem na história. Ela mostra que é possível caminhar e avançar mesmo começando-se por poucos, desde que se tenha amor à verdade, tirocínio, capacidade de articulação política, disposição para correr riscos e paciência para compreender que "é preciso ir no passo de Deus. Não correr mais depressa que Deus",<sup>22</sup> mesmo tratando-se das "coisas de César".

E como começou o movimento abolicionista? "No começo do século XVIII um número cada vez maior de líderes filósofos e religiosos influentes começaram a desafiar a legitimidade e a moralidade da instituição (escravista). Os livres-pensadores franceses do chamado Iluminismo liderariam um ataque

fundamental às bases da instituição com seus apelos à razão, à ênfase de uma visão racionalista do mundo e a um novo sentido de relativismo cultural e declínio correspondente da visão eurocêntrica do mundo. Acrescentou-se a esta mudança geral de valores um ataque direto à legitimidade da escravidão, desfechado por um dos mais influentes teóricos políticos do século, Montesquieu, em seu influente estudo *O Espírito das Leis*, do final da década de 40 (1740). Um ataque mais direto à instituição partiu de elementos radicais e milenares do protestantismo dos séculos XVII e XVIII".<sup>23</sup>

Dessas posições individuais surgiu o movimento abolicionista. Primeiro, na Inglaterra, em 1787, com o surgimento da Anti-Slavery Society. Depois, no ano seguinte em 1788, na França, a Amis de Noir. Davam certa ressonância aos movimentos de revolta dos escravos e livres nas colônias. E aí está a novidade, foi montada "uma eficaz campanha de opinião pública contra o tráfico", conseguindo a inglesa uma



seqüência de, aparentemente, "pequenas" leis a partir do ano seguinte à sua fundação, até conseguir levar a Inglaterra a abolir o tráfico para suas colônias em 1808, junto com os Estados Unidos, e forçar todos os demais governos a abolir o tráfico. Um primeiro compromisso nesse sentido foi conseguido em 1815, no Congresso de Viena, com promessa de Portugal e Espanha de que o fariam gradualmente. A partir de 1820 a marinha inglesa — forçada pelos abolicionistas — começou a patrulhar a costa africana, com a anuência de diversos governos europeus (e o espremeio de portugueses e brasileiros). A abolição do tráfico não significava que tivesse sido suspenso. Os Estados Unidos só concordaram mesmo em 1860 com a ação da marinha inglesa.

A luta contra o tráfico é, enfim, uma lição de estratégia sobre a opinião pública, mesmo conduzida por elites. Há textos extremamente interessantes a propósito.<sup>24</sup> A luta pela abolição da escravatura foi mais difícil, tendo sido, inclusive, um dos fatores fundamentais — senão o principal — para a violenta Guerra de Secessão nos Estados. O movimento abolicionista partiu para essa luta em 1810. "Os donos de escravos, em todas as sociedades escravocratas americanas, lutaram com os emancipacionistas e, em cada caso, a abolição da escravidão foi conseguida apenas através da intervenção política e/ou militar. Os senhores impediram ou atrasaram implacavelmente todas as medidas em favor da abolição, e indicaram, por todas as suas ações, que pretendiam seus regimes escravocratas intactos até o último momento."

Mais ainda: "Mesmo quando forçados a aceitar a derrota, os donos de escravos exigiram compensação em dinheiro por seus escravos ou o direito de utilizar livremente os escravos emancipados como "aprendizes" por ainda muitos anos. Procuraram ganhar mais que o preço corrente dos escravos e também manter o controle da força de traba-

lho por muito tempo depois de decretada a emancipação oficial".<sup>25</sup>

A seqüência de abolições começa pelos negros do Haiti, em 1803, por si próprios; 1834, nas colônias britânicas; 1862, nos Estados Unidos; 1869, nas colônias portuguesas; 1863, no Suriname; 1842, Uruguai; 1823, Chile; 1851, Bolívia; 1853, Argentina; 1824, na América Central; 1830, no México; 1886, em todas as colônias espanholas, sem distinção. E, finalmente, o Brasil, em 1888, não sem antes os escravocratas terem tentado lutar por critérios graduais de emancipação que adiarão o fim da escravidão para depois de 1920.<sup>26</sup>

O Brasil foi o país que mais importou escravos (próximo a 40% do total transportado para a América). Do restante, 18% foi importado pela América Hispânica; 17%, pelo Caribe inglês; 17% também pelo Caribe francês e 6%, pelos Estados Unidos.<sup>27</sup>

Os cálculos quanto aos números de africanos atingidos pela escravidão, desde suas aldeias natais, variam muito. As estimativas mais modestas dizem que teriam sido por volta de 50 milhões.<sup>28</sup> Incluindo o tráfico oriental, há cálculos que chegam até a 100 milhões.<sup>29</sup> Desse total, chegaram às terras de trabalho forçado menos de 1/5. O restante morria nas batalhas, nas longas marchas ou no desespero. Sem esquecer que, nas terras de trabalho forçado, a mortalidade também era alta e o tempo de vida útil muito curto. "A média de vida de um escravo era de 5 a 7 anos", sem esquecer que as mulheres negras existiam na proporção de uma para dois, cinco ou às vezes até quinze homens negros.<sup>30</sup> Isso sem esquecer as enormes seqüências da "gigantesca movimentação de populações" provocada na própria África, além do tráfico ter efetuado uma separação, "levando o que havia de melhor na população, os indivíduos mais vigorosos, os mais jovens, os mais sãos", com rigorosa seleção antes da partida, com o aumento da mor-

talidade infantil etc.<sup>31</sup>

Os que chegaram efetivamente na América, nos cálculos mais modestos, são estimados entre 9,5 e 15 milhões, sem contar, no caso brasileiro, com um milhão de índios aproximadamente, atingidos direta ou indiretamente pelo processo de escravização, extinto legalmente na metade do século XVIII — nesse sentido, também o último país da América<sup>32</sup>

Tudo isso, enfim, dá uma idéia da catástrofe que se deve, honestamente, debitar à "civilização ocidental e cristã".

### 3ª lição:

*Apesar de tudo, o "mundo" continua a nos cobrar a Boa Nova, o rumo da estrela de Belém para além do ano 2000*

O Evangelho é um tesouro que "nem a traça, nem o caruncho destroem", e que nem "os ladrões arrombam ou roubam" (Mt 6,19). E que, portanto, não é atingido nem mesmo pelo escândalo que provocamos na história. Nós é que temos servido para confundir os que esperam em Deus e servido de vergonha aos que nele confiam (Salmo 69,7).

Nós, os cristãos, a instituição católica e as instituições cristãs, é que temos de pedir desculpas pela infidelidade à Boa Nova e mudar.

Olhando para trás conseguimos compreender que não podemos entrar no ano 2000, nessa civilização cada vez mais tecnológica, urbana, dissociada da natureza e cada vez mais psíquica, com essa carga incômoda, desajeitada, despropositada de valores nocivos que viemos acumulando, de "tradições" das quais nada temos que nos orgulhar, de uma versão de cristianismo que deve passar para o arquivo.

Não se trata de amaldiçoar os passos. Trata-se de ver que esse far-do tem ocultado e obscurecido a mensagem evangélica; temos es-

condido a luz "debaixo de candeeiros ou de camas" (Mc 4,21), constituídas pelas montanhas de jurisprudências eclesiais que têm apontado, não raro, "o cisco no olho do irmão" e ignorado as "t-aves" em nossos olhos (Mt 7,3-5).

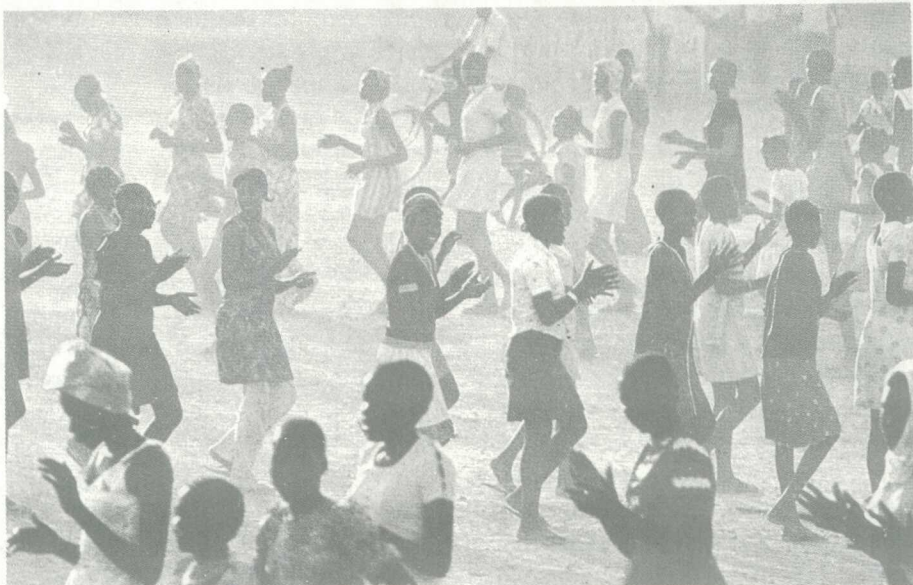
Trata-se, também, de amadurecer na compreensão do papel da religião, de abandonar o discurso do moralismo fácil, da exclusão do oposto ou do diferente e de compreender o que, de fato, é essencial, o que constitui o núcleo da Boa Nova que temos a anunciar, e que se molda a todos os povos, de todos os tempos. A Boa Nova do profeta, como Cristo se anunciava, citando Isaías, na que ficou conhecida como a "oração sacerdotal" e que quase lhe custou a vida.<sup>33</sup>

"O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a remissão aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos, para proclamar um ano de graça do Senhor" (Lc 4,18-19). Quase foi linchado porque "o ano de graça" era nada mais nada menos do que o ano do Jubileu, o ano do perdão das dívidas materiais e devolução de bens...<sup>34</sup>

A África — estigmatizada também por sua forma de ser religiosa e de crer "na comunhão dos santos" de maneira direta pela relação com seus ancestrais, com a natureza, ciclos e fluxos, por suas provocações involuntárias à versão cristã plasmada na Europa — tem uma outra contribuição fundamental para a Igreja: a volta às fontes originais e a recuperação do sentido de Boa Nova a que faz o objeto principal da Teologia Negra, relativizando a Teologia que se desenvolveu na Europa.

O Teólogo Kofi Appah-Kubi, de Gana, no prefácio de um livro sobre o Encontro sobre a Teologia Africana em Acra, em 1977,<sup>35</sup> mostra essa contribuição a partir de um salmo, que evoca o exílio (137,4):

"Como poderíamos cantar um cântico de Yahweh numa terra es-



... "Como poderíamos cantar um cântico de Yahweh numa terra estrangeira", numa língua estrangeira, num pensamento estrangeiro, numa ideologia estrangeira?...

trangeira", numa língua estrangeira, num pensamento estrangeiro, numa ideologia estrangeira? Durante décadas esse grito do salmista tem sido o grito de numerosos africanos. Indagamo-nos hoje como servir ao Senhor em nossas próprias línguas, sem passarmos por bastardos semitas, europeus ou americanos. Que o Evangelho tenha vindo e seja mantido presente na África é um fato, mas hoje nossas reflexões teológicas devem se alimentar do contexto real das situações africanas. Nossa questão não deve ser: o que é que nos tem a dizer Karl Barth, Karl Rahner ou os outros Karl, mas, antes, o que Deus tem a nos dizer em nossas condições concretas de vida. Durante demasiado tempo, efetivamente, teólogos e professores africanos cristãos têm estado preocupados pelo que o missionário A, o teólogo B ou o professor C tinham a nos dizer sobre Deus e o Senhor Jesus Cristo. O combate dos teólogos, dos educadores e dos cristãos africanos engajados (...) é de trabalhar para desenvolver uma teologia que fale ao povo quem nós somos, que seja capaz de responder à pergunta crítica de Cristo. "Quem dizeis vós (Cristãos Africanos) que eu sou?"

A pastoral missionária indígena

no Brasil compreende esse questionamento e o direito de ser "diferente" ao defender o princípio da "alteridade", ou seja, da existência cultural, política, religiosa etc., diferente da predominante.<sup>36</sup> Não terão os africanos o mesmo direito?

Essa terceira lição da escravidão e da África integra a resposta para o desafio para a Igreja na civilização do ano 2000: "Quem dizeis vós, cidadãos urbanos, cibernéticos, a caminho das estrelas, que eu sou?"

"Eu vim para restabelecer o sentido da vida para os que a perderam; para refazer — através de vocês — as leis e os regimes das prisões; para investir nas prerrogativas e direitos de cidadania aos que dela estão privados; garantir alimento, respeito ao trabalho, à dignidade humana e justiça aos que deles estão privados; para que redescubram a alegria de viver, na terra ou na imensidão do universo que se abre para vocês nessa terra já um tanto saturada..."

Quem sabe, a Boa Nova poderia ter um gostinho parecido com isso daqui por diante. Teremos então compreendido as três lições da escravidão, aqui invocadas. A luz do candeeiro terá sido posta sobre a mesa, sobre o alto do monte, finalmente.

## Notas:

1. Décio Freitas. *Escravos e senhores de escravos*. Porto Alegre, Mercado Aberto.
2. Id. *Ibid.*
3. Herbert S. Klein. *A escravidão africana/América Latina e Caribe*. São Paulo, Brasiliense, 1987. p. 33.
4. Idem. Também Basil Davidson. *Mãe Negra*. Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1978. Também Décio Freitas. *O escravismo brasileiro*. Co-edição EST/Instituto Cultural Português/Ed. Vozes, 1980.
5. *Revista da Universidade de São Paulo*, junho de 1987. p. 91.
6. Ronaldo Vainfas. *Ideologia e escravidão / Os letrados e a sociedade escravista no Brasil colonial*. Vozes, Petrópolis, 1986.
7. Jules Isaac. *Jesus e Israel*. São Paulo, Perspectiva, 1986. col. Estudos, 87.
8. Compêndio do Vaticano II, Constituições, Decretos, Declarações. Petrópolis, Vozes, 1976.
9. Décio Freitas. Op.cit.
10. Idem.
11. Basil Davidson. Op. cit.
12. Joaquim Nabuco. *O abolicionismo*.
13. Joseph Ki-Zerbo. *História da África negra*. Lisboa, Publicações Europa América. p. 277/278.
14. Ronaldo Vainfas. Op. cit.
15. Basil Davidson. Op. cit.
16. Jules Isaac. Op. cit.
17. Mt 28,20.
18. Joaquim Nabuco. *O abolicionismo*.
19. Herbert S. Klein. Op. cit. Também José Capela. *As burguesias portuguesas e a abolição do tráfico da escravidão, 1810-1842*. Afrontamento/Porto (Portugal), 1979.
20. *Mãe negra e Escravismo brasileiro*.
21. Joaquim Nabuco. *O abolicionismo*.
22. J. Leuret. *Princípios para a ação*. São Paulo, Duas Cidades, 1984. p. 70.
23. Herbert S. Klein. Op. cit.
24. Idem. Também *As burguesias portuguesas...*
25. Herbert S. Klein. Op. cit.
26. Joaquim Nabuco. *O abolicionismo*.
27. *O escravismo brasileiro*.
28. *Mãe negra*.
29. Joseph Ki-Zerbo. Op. cit. p. 278/279.
30. Idem. p. 272-283.
31. Idem.
32. *O escravismo brasileiro*.
33. Oliveira Leite Gonçalves. *Cristo e a contestação política*. Petrópolis, Vozes, 1974.
34. Idem.
35. Le Colloque D'Accra. *Liberation ou adaptation? La theologie africaine s'interroge*. Paris, L'Harmattan. Também Movimentos religiosos nativistas da África. In *As religiões dos oprimidos*. São Paulo, Perspectiva, 1974.
36. Arlindo G. de O. Leite. *A mudança na linha de ação missionária indigenista*. São Paulo, Paulinas, 1982.

## Por uma fraternidade verdadeira

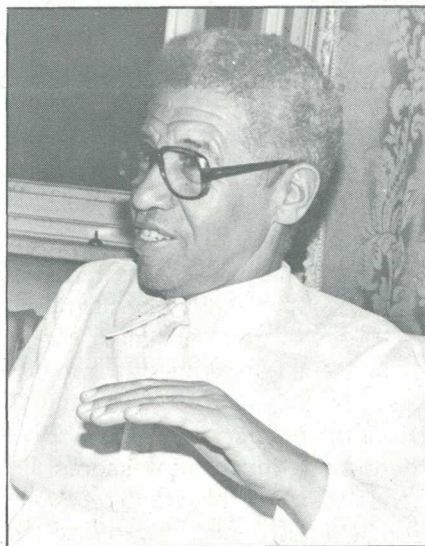
Outra teria sido a sorte do povo negro no Brasil se a Igreja tivesse conseguido fazer chegar às senzalas e aos quilombos, às casas grandes, aos palácios e às cortes de Portugal e de Espanha o brado de Deus libertador: "Eu ouvi o clamor de meu povo e desci para libertá-lo das mãos de seus opressores" (Ex 3,7-8).

E porque não o fez naquela época, a Igreja se penitencia e se purifica; ela se propõe levar a todos os seus filhos e à inteira sociedade brasileira a mensagem do Senhor a respeito dos negros: "Eu ouvi o clamor deste meu povo negro".

Tarde demais, insistiriam os críticos da Igreja. Agora é fácil defender o negro, porque não há mais escravidão. Não há mais discriminação, vivemos numa democracia racial. "Várias raças, um só povo".

Oxalá fosse verdade! Infelizmente, ainda não o é.

Oficialmente, acabou-se a escravidão.



**Dom José Maria Pires**

Oficialmente se pôs termo à discriminação racial, catalogada como crime sujeito às penas da lei.

Rompeu-se a relação senhor *versus* escravos, mas permanece a outra relação dela decorrente: superior *versus* inferior.

No Brasil, o branco diante do negro se considera superior; o negro, diante do branco, se considera inferior.

Mal me endendi como gente, e "já sabia" que não é bom ser negro. Aprendi esta "verdade" em família. Na escola primária e no seminário, branco sempre era tido como melhor do que preto.

Terminou a escravidão, mas permaneceu a "consciência" ou complexo de superioridade do branco, de inferioridade do negro.

A Campanha da Fraternidade teve o grande mérito de pôr a descoberto o preconceito racial, que continua escravizando brancos e pretos; e de ajudar uns e outros a arrancar essas raízes de pecado em si mesmos e nos outros, para podermos colaborar na construção de uma fraternidade que não seja só "nominal".

**Dom José Maria Pires**  
(Arcebispo de João Pessoa - PB)

# Povo Tikuna massacrado

**O CIMI enviou à CNBB uma nota oficial a respeito do massacre recentemente praticado contra o povo Tikuna, no Amazonas.**

**Elaborado conjuntamente com a CPT (Comissão Pastoral da Terra), eis o texto na íntegra:**



## **Massacre de índios envergonha o Brasil**

No dia 28 de março último, em operação planejada e de extrema brutalidade, 14 índios Tikuna foram assassinados e outros 21 ficaram feridos, sem distinção de idade e sexo. O massacre deu-se na área indígena São Leopoldo, no alto rio Solimões, município de Benjamin Constant, no Amazonas, e por sua crueldade foi noticiado pelos principais meios de comunicação do país. As investigações feitas até o momento indicam o madeireiro Oscar Castelo Branco como principal responsável pelo massacre. Foi a pior matança de índios ocorrida nos últimos anos no país, só comparável ao massacre do Paralelo 11, quando, em 1963, no Mato Grosso, 15 Cinta-Larga foram mortos a mando de dois seringalistas.

E no dia seguinte, o cadáver do índio Pataxó Ha-Ha-Hae Djalma Lima

foi encontrado nos limites da área indígena São Lucas, no município de Pau-Brasil, sul da Bahia, em uma propriedade do fazendeiro Pedro Leite. Ele havia desaparecido no dia 21 de março, após enfrentamento com prepostos do fazendeiro. Djalma, segundo os índios que acompanhavam a polícia nas diligências, teve arrancados o couro cabeludo e as unhas, além dos órgãos genitais cortados, antes de ser morto.

Ambos os fatos têm por pano de fundo a já trágica luta dos índios por sua terra. Os índios Tikuna, há muitos anos, vêm reivindicando ao governo a demarcação de suas áreas, como garantia contra as contínuas invasões que se fazem em suas terras. Contudo, até o momento, conseguiram apenas a demarcação de 10 por cento da terra a que têm direito, segundo as leis brasileiras. Os demais 90 por cento encontram-se na dependência de decisão da secretaria-geral do Conselho de Segurança Nacional. A relutância go-

vernamental em reconhecer os direitos legais dos Tikuna incentiva não só a invasão das áreas não-demarcadas, mas inclusive das já demarcadas, gerando e mantendo um clima de tensão que se tornou permanente na região. O impedimento, pela secretaria-geral do CSN, de dar prosseguimento a processos de demarcação, à revelia das leis, tem como objetivo principal forçar os índios a aceitarem a redução dos territórios que lhes cabem legalmente, e a admitir, ao invés da demarcação de áreas indígenas, o estabelecimento de colônias indígenas, figura inconstitucionalmente criada pelo decreto número 94.943/87.

Por seu lado, os índios Pataxó Ha-Ha-Hae sofrem a violência que colheu a vida de Djalma no exato momento em que formularam uma proposta de acordo que poria termo ao conflito sobre suas terras, que se agrava desde abril de 1982. Para os fazendeiros empenhados em consumir, definitivamente, o esbulho das

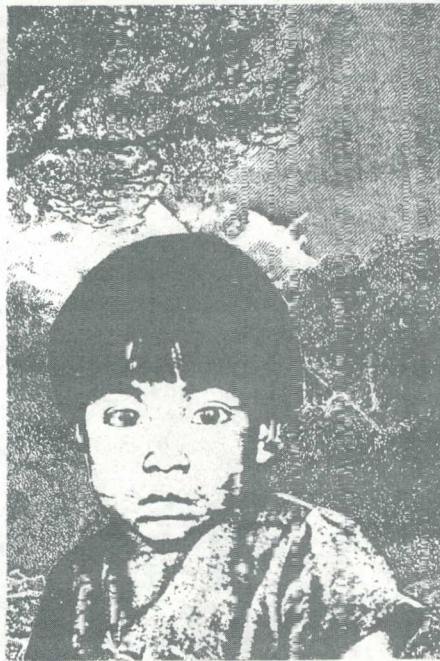
terras indígenas, importa pulverizar a organização dos Pataxó, que após superarem inúmeras tentativas de divisão feitas pelo governo e pelos próprios fazendeiros, lutam por manter sua coesão interna em torno de uma proposta para a solução do conflito. Também nesse caso, a demora dos órgãos governamentais na implementação da alternativa formulada pelos índios tem incentivado frequentes violências contra os Pataxó Ha-Ha-Hae. Djalma foi o sétimo membro daquele povo assassinado nos últimos anos.

Ambos os casos denunciam o efeito catastrófico e desmoralizante da política governamental em relação aos direitos indígenas.

Ao invés de estar empenhado em respeitar, e fazer respeitar, os direitos legais dos índios no país, o governo é o primeiro a desrespeitá-los. Na Amazônia implanta-se o projeto Calha Norte com o pretexto de, entre outras coisas, liberar recursos para a demarcação das terras indígenas e garantir estruturas que permitiriam a adequada proteção às comunidades indígenas da região. O massacre dos Tikuna revela que o pretexto não passou de engodo: o projeto Calha Norte está em franca implementação e, no entanto, as terras indígenas já demarcadas continuam invadidas, e aquelas consideradas extensas pelo governo permanecem sem providência alguma. Os casos mais dramáticos e vergonhosos para o Brasil são o dos Yanomá e o dos próprios Tikuna.

No caso dos Pataxó Ha-Ha-Hae, nenhuma iniciativa de solução concreta tem partido dos órgãos federais. Pelo contrário, a resistência dos Pataxó é paralela a uma seqüência de medidas desastradas e inconseqüentes, autoritariamente impostas pelo governo.

Nesse panorama geral de desrespeito aberto e acintoso a direitos consignados em lei, patrocinado pelo governo, cria-se uma sensação de impunidade generalizada, que encoraja todo tipo de hostilidade e violência contra os índios.



Nada justifica, em hipótese alguma, a chacina. Sabemos, contudo, que o madeireiro Oscar Castelo Branco aproveitou-se da situação de desespero dos posseiros removidos, usando-os para seus objetivos. As violências contra os Tikuna são também fruto do protelamento criminoso de uma reforma agrária que possibilite aos posseiros assentamento em condições dignas. Protelamento que favorece o envolvimento desses posseiros em conflitos que beneficiam interesses políticos e econômicos das classes dominantes. Usa-se, enfim descaradamente, de uma estratégia tão antiga quanto imoral, jogando fracos contra fracos, para que desse enfrentamento sobre sempre vantagem maior para os grandes grupos econômicos.

Para tudo, porém, deve haver limite. Os últimos anos, coincidentes com o atual governo, apresentam o maior índice de violência contra as populações indígenas, na história recente do país. O preço em sangue indígena dessas violências é evidência clara de que a política indigenista governamental é a causa decisiva desses episódios. Sua imediata revisão impõe-se por questão de honra.

O primeiro passo, contudo, é a completa investigação dos fatos com apuração, inclusive sobre a

ocorrência de delito de genocídio, e punição exemplar dos responsáveis. Exige-se, portanto, dos órgãos do executivo, judiciário e legislativo, na esfera das respectivas competências, que tomem todas as providências cabíveis para que o massacre dos Tikuna e o assassinato de Djalma Lima não manchem, permanentemente, a honra dos brasileiros deste tempo.

São os fatos, e não a sua divulgação, que comprometem a imagem do país. A única forma de a restabelecer é a decidida punição de seus autores, diretos e indiretos.

Neste sentido, o CIMI e a CPT repudiam as afirmações que prepostos governamentais vêm divulgando, levemente, no sentido de responsabilizá-los pelos episódios. O trabalho pastoral realizado pelas entidades signatárias inclui a informação permanente, a índios e posseiros, dos direitos a que fazem jus, e o incentivo à sua organização na luta pelo respeito a esses direitos. Tal atividade de forma alguma se confunde com incitamento. Confusão, todavia, é exatamente o que buscam os autores dessas acusações, que procuram assim desviar as atenções da quota de responsabilidade que, sem dúvida, lhes cabe, como executores da política governamental. Buscam, também, difamar o trabalho de todos os que se comprometeram na luta pelos direitos de índios e posseiros, alimentando dúvidas inconscientes, para assim justificar a constante repressão que se faz ao trabalho destes, testemunhas incômodas que são do descaso e da conivência governamental.

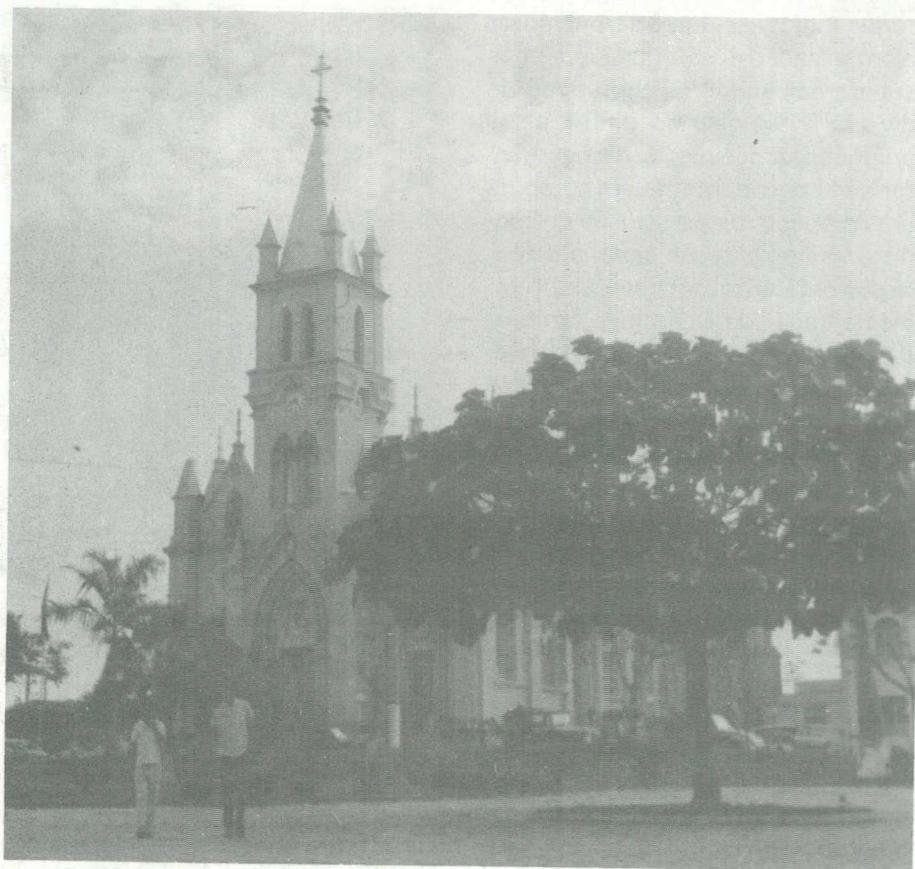
Os brasileiros envergonham-se diante dessas violências. Espera-se que a nível governamental haja suficiente honradez para responder, à altura, aos anseios do povo por justiça. ■

*Conselho Indigenista Missionário  
Comissão Pastoral da Terra*

*Brasília/Goiania, 6 de abril de 1988*

# DORES DO INDAIÁ

*Dores do Indaiá, antigamente Nossa Senhora das Dores do Indaiá, à margem esquerda do rio São Francisco, foi dos primeiros núcleos formados no Oeste mineiro. Sob os auspícios de N. Sra. das Dores, surgiu a capela e, ao redor da mesma, formou-se o povoado.*



*Santuário de N. Sra. das Dores*

## Histórico

Quatro irmãos, Amaro, Joaquim, José e João da Costa Guimarães, por volta de 1765, estabeleceram-se na região. Obtiveram suas sesmarias em 1785. Outros fazendeiros foram-se estabelecendo nas sobras das terras e, no apagar das luzes do século XVIII, já existia a ermida de N. Sra. das Dores. A capela surgiu em 1800. Depois de muitas discussões entre os sesmeiros e os fazendeiros, chegou-se a um acordo sobre o melhor local para a edificação da capela de N. Sra. das Dores: era um platô, terreno espetacular, pertencente ao fazendeiro Manoel Correia de Souza. Este prontamente fez a doação do patrimônio a N. Sra. das Dores. O capitão Amaro da Costa Guimarães colocou-se à frente da construção da capela e é considerado o fundador do arraial da Boa Vista, como ficou

chamado. A diocese de Oinca, através da Comarca Eclesiástica de Manga, criou a freguesia em 1805 com o nome de Nossa Senhora das Dores. Aos poucos, nos documentos existentes, o nome Arraial das Dores foi substituindo o de Boa Vista. A partir de 1832, o arraial passou a ser designado por Dores do Indaiá, por causa da proximidade do rio Indaiá e abundância do couro Indaiá (o rio Indaiá é afluente da margem esquerda do S. Francisco).

Antigamente, vila podia ser sede municipal. Dores do Indaiá foi elevada a vila por três vezes. A primeira foi em 1850, com o nome de Vila de Nossa Senhora das Dores do Indaiá. Mas não houve interesse da população em construir prédio da câmara e cadeia. O decreto foi tornado sem efeito. Pouco depois, a lei nº 323 de 30 de maio de 1853 restaurou a vila de Nossa Senhora das

Dores do Indaiá, que foi instalada em 2 de dezembro de 1854. Mas o povo atrevido da vila dava vitória aos liberais nas eleições, mesmo com os conservadores no poder. Assim, a Assembleia Legislativa Provincial retirou a sede municipal e transferiu-a para Marmelada (Nossa Senhora do Patrocínio da Marmelada). Alguns anos depois, a lei nº 264, de 4 de novembro de 1880, criou definitivamente a vila e o município de Dores do Indaiá.

Um caso realmente curioso e inexplicável é que a primitiva capela de N. Sra. das Dores entrou em ruína e foi substituída por nova matriz dedicada a São Sebastião, a 20 de janeiro. O vigário Pe. Luís Gonzaga é que edificou a matriz, já no nosso século, tendo N. Sra. das Dores por orago.

A paróquia tem tido vigários notáveis, como Mons. Méric Silveira, que conseguiu a elevação

## O escândalo da mortalidade infantil

da matriz a santuário e iniciou a celebração do jubileu de N. Sra. das Dores.

A vila de Dores do Indaiá foi elevada à categoria de cidade pela lei n.º 3.333, de 8 de outubro de 1885, data que o município celebra anualmente.

### Devoção a Nossa Senhora

É muito grande, no seio do povo, a devoção à padroeira. No centro da cidade, uma das mais belas praças tem o nome de Praça Coração de Maria. As festividades de 7 a 15 de setembro têm a participação de toda a população.

### Desenvolvimento econômico

A base econômica do município é a agropecuária, sobretudo a criação de gado leiteiro. Dores do Indaiá é um grande centro produtor de leite. Anualmente realizam-se belas exposições de gado. Possui também indústrias de confecções. A agricultura é bastante desenvolvida.

### Capelas

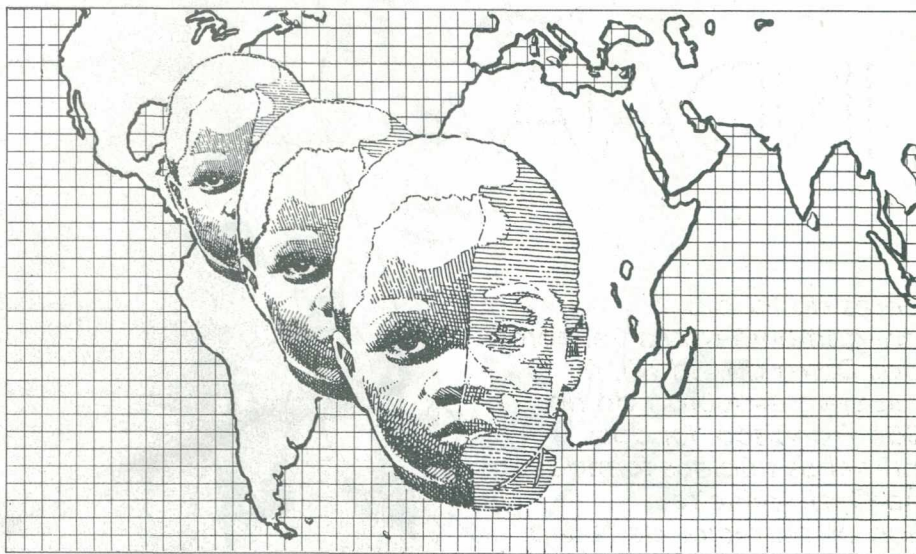
Além do Santuário de N. Sra. das Dores, existem na cidade diversas capelas. As duas principais são a de N. Sra. do Rosário, magnífico templo, onde anualmente é celebrada a festa da padroeira, com as tradicionais danças do congado, e a de São Sebastião, onde a festa do orago também é tradicional.

A partir de 1938, a paróquia de N. Sra. das Dores está confiada aos padres sacramentinos de Nossa Senhora, congregação fundada em Manhumirim, pelo Pe. Júlio Maria, sdn. ■

(Informações fornecidas por: Waldemar de Almeida Barbosa.)

#### Nota:

Prezado leitor, se a sua cidade, de alguma forma, tem o nome relacionado com o nome de Nossa Senhora, mande dados, fotos e informações da mesma para a revista Ave Maria e serão publicados.



*“Contemplando a maternidade divina de Maria, daquela que trouxe ao seu seio o Filho de Deus e rodeou de solicitude especial a infância de Jesus, apresenta-se ao meu espírito o drama doloroso de muitas mães que vêem frustradas as suas esperanças e alegrias pela morte prematura dos seus filhos.*

Sim, amados Irmãos e Irmãs, peço-vos que volvais a atenção para este escândalo da mortalidade infantil, cujas vítimas diariamente se contam às dezenas de milhares. Há crianças que morrem antes de terem visto a luz do dia, outras não têm senão uma breve e dolorosa existência encurtada por enfermidade que no entanto, hoje, seria fácil evitar.

Inquéritos sérios mostram que, nos países mais cruelmente provados pela pobreza, é na população infantil que se registra o maior número de mortes por desidratação aguda, parasitas, água contaminada, fome, falta de vacinação contra as epidemias e até mesmo por falta de carinho. Em tais condições de miséria, grande número de crianças morre prematuramente; outras ficam de tal maneira afetadas, que o seu desenvolvimento físico e psíquico resta comprometido, a sua própria sobrevivência se torna precária e encontrar-se-ão numa situação de

desvantagem para terem um lugar na sociedade.

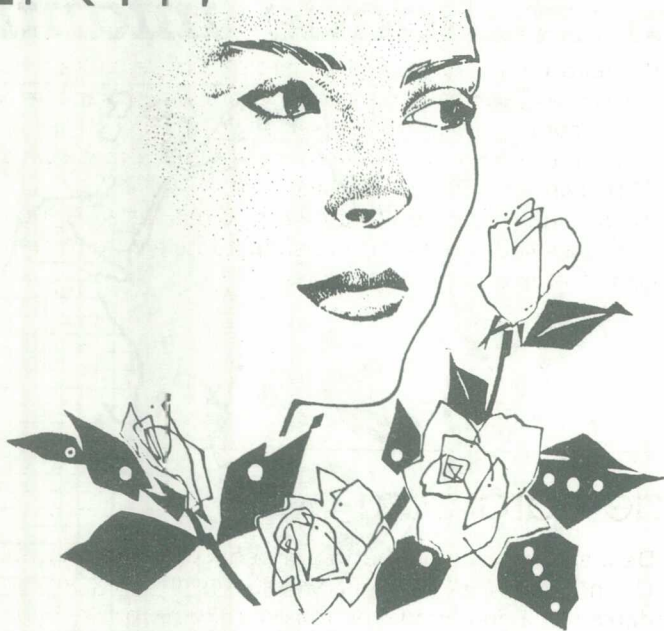
As vítimas desta tragédia são as crianças que nascem em situações de pobreza, que com muita frequência resultam de injustiças sociais; e são as famílias que carecem dos meios necessários e que ficam feridas para sempre pela morte precoce dos seus filhos.

Tenhamos presente aquela resoluta solicitude com que o Senhor Jesus se quis mostrar solidário com as crianças: Ele chamou um menino, colocou-o no meio deles e disse: *“Quem receber um menino como este, em meu nome, é a Mim que recebe...”*, e ordenou-lhes: *“Deixai as criancinhas e não as impeçais de vir a mim”* (cf. Mt 13, 2.5; 19,14).

Deixai-vos conduzir pelo Espírito de Deus, que pode quebrar as cadeias do egoísmo e do pecado. Partilhai, em espírito de solidariedade, com os que menos recursos têm. Dai, não só do que vos sobeja, mas até mesmo daquilo que talvez vos seja necessário, a fim de apoiar generosamente todas as atividades e programas de vossa Igreja local; e, especialmente, fazei-o para assegurar um futuro justo às crianças mais desprotegidas.” ■

(João Paulo II. Março - 1988)

SER...



A roseira nasce. Desenvolve. Em um dia de primavera floresce. Não se preocupe em dar cerejas, em lugar de rosas. Afinal, ela não é uma cerejeira, mas uma roseira... E tem de se orgulhar disso.

Tampouco se preocupa se as outras roseiras irão aché-la o espécime mais perfeito. Nem se suas rosas serão admiradas pelas pessoas ou usadas, por estas, como adorno... Muito menos irá se sentir inferiorizada se lhe pedirem papoulas e ela só tiver rosas para oferecer. A roseira simplesmente é. Realiza sua função dentro daquilo que Deus lhe propôs. Logicamente que irá cuidar para ser a melhor roseira possível. Irá se fortificar para se defender dos ventos e das tempestades. Procurará ser a melhor dentro daquilo que é.

Como a roseira, nós também teremos de simplesmente SER. Respeitando as nossas unicidades, teremos de nos esforçar para que cada vez mais crescamos em nossa própria direção e em direção a Deus. Sem nenhuma preocupação em ser o que achamos que esperam que sejamos. Sem nenhuma preocupação em ser como o outro é. EU sou EU, com minhas características pes-

soais. Com minhas limitações e imperfeições. O único espelho no qual me devo mirar é Cristo. Pois Jesus é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda criatura (Cl 1, 15). É através dele que podemos conhecer a Deus e nos conhecer.

A valorização do que eu sou me possibilita libertar das minhas dificuldades; ajuda-me a mudar, a crescer. O amor a si mesmo não significa orgulho, egocentrismo. Quanto mais eu gosto de mim mesmo, me aceito, maior minha abertura para amar a outro, para o aceitar incondicionalmente. Maior a compreensão do EU como emanado de Deus. Pois só quando vivemos no amor, amamos nosso próximo como a nós mesmos, estamos vivendo a vida de Deus. E é só a partir da relação com Deus que desenvolvemos a nossa autoestima e aprendemos a amar o nosso semelhante. Quando os fariseus perguntaram a Cristo qual era o grande mandamento da lei, o que ele respondeu? — Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração... e amarás o teu próximo como a ti mesmo (Mt 22,37-39). ■

Myriam Vallias de Oliveira Lima

JOVEM,  
DEFENDA  
MINHA  
DIGNIDADE  
E MEU  
VALOR!!!

Acreditamos no direito que a mulher tem de ser e viver como pessoa, imagem de Deus.

Nós temos este Ideal:

— Seguir Cristo Redentor e atender ao clamor das jovens e mulheres marginalizadas.

VOCÊ QUER SE  
JUNTAR A NÓS?

IRMÃS OBLATAS DO  
SANTÍSSIMO REDENTOR

Escreva para o Centro  
Vocacional:  
Rua Acuruí, nº 552  
Vila Formosa  
03355 - São Paulo (SP)  
Tel.: 295-9069

Senhor,  
o nosso coração  
está inquieto...

(S. Agostinho)

Você não está  
inquieto? inquieta?  
Jovem, qual o seu ideal?

VIDA RELIGIOSA  
AGOSTINIANA:

- Vida de oração
- Comunidade Fraternal
- Serviço ao povo de Deus: evangelização, educação, promoção humana, missão, CEBs.

INFORMAÇÕES EM NOSSO  
SECRETARIADO VOCACIONAL  
Irmãs Agostinianas Missionárias  
Padres Agostinianos  
R. Eng. Figueiredo, 31 - Vila Mariana  
04012 - São Paulo - SP  
Fone: (011) 571-8959



# JANTAR SIMPLES

## ENTRADA: Salada russa

**Rendimento:** 4 a 5 porções

**Ingredientes:**

1 chuchu  
3 batatas  
200 g de vagens  
1/2 couve-flor pequena  
2 cenouras  
salsa picadinha  
molho vinagrete  
1 maçã crua picadinha  
1 xícara (chá) de maionese  
folhas de alface  
fatias de tomate e ovos cozidos

1. Primeiro faça a salada mista, isto é: o chuchu, as batatas, a vagem, a couve-flor e as cenouras cozidas em água e temperadas com o vinagrete e a salsa.
2. Escorra o molho da salada mista e junte a maçã picada.
3. Acrescente a metade da maionese.
4. Arrume num prato e enfeite com folhas de alface ao redor.
5. Cubra a salada com a maionese restante e enfeite com fatias de tomates e de ovos cozidos.

## PRATO PRINCIPAL: Mingau de cará com ovos

**Rendimento:** 4 a 5 porções

**Ingredientes:**

1 lata de leite condensado  
1 lata de leite  
3 ovos  
3 colheres (sopa) de chocolate em pó  
gotas de baunilha  
1 colher (sobremesa) rasa de Claybom

1. Descasque os carás, parta em pedaços e cozinhe no caldo.
2. Quando estiverem macios, amasse-os de leve com um garfo, deixando alguns pedaços maiores. Junte o Claybom.
3. Quebre, na panela, com cuidado, alguns ovos, um para cada prato de sopa. Deixe cozinhar sem que endureçam muito.
4. Ponha um ovo e duas conchas de mingau em cada prato.

## ACOMPANHAMENTO: Pastéis de carne

**Rendimento:** 5 pessoas (20 pastéis pequenos)

**Ingredientes:**

1 xícara (chá) de farinha de trigo  
1 ovo  
1 colher (sopa) de manteiga ou banha  
salmoura (água morna e sal)  
gordura bem quente

**Recheio:**

100 g de carne moída  
2 colheres (sopa) de óleo  
1/2 cebola picadinha  
2 tomates

1. Passe na peneira 1 xícara (chá) de farinha de trigo.
2. Junte 1 ovo, 1 colher (sopa) de manteiga ou banha e salmouira até a consistência desejada.
3. Misture e amasse bem.
4. Deixe a massa descansar por meia hora.
5. Abra a massa com o rolo de macarrão e faça os pastéis. Frite em gordura bem quente.

**Recheio:**

1. Limpe e tempere a carne moída.
2. Leve ao fogo, em vasilhame, 2 colheres (sopa) de óleo, 1/2 cebola picadinha e os tomates.
3. Quando estiver refogado, junte a carne e deixe cozinhar.

NOTA: O recheio também pode ser de palmito, sendo preparado identicamente ao recheio de carne.

## SOBREMESA: Pudim de chocolate

**Rendimento:** 4 a 5 porções

**Ingredientes:**

500 g de cará  
1/2 litro de caldo de carne de galinha  
ovos  
1 colherinha (chá) de Claybom  
calda de açúcar queimado

1. Bata todos os ingredientes (menos a calda queimada) no liquidificador.
2. Forre uma fôrma com a calda de açúcar queimado. Despeje o pudim.
3. Leve ao fogo, em banho-maria, durante aproximadamente 25 minutos.
4. Deixe esfriar, leve ao refrigerador e desenforme gelado.

## A intervenção: como ajudar o alcoólatra que recusa ajuda

Qualquer pessoa que convive com um alcoólatra (ou dependente de outra droga) confirmaria este fato: *a maior barreira à recuperação do alcoólatra é sua incapacidade de reconhecer que está dominado pela bebida e sua relutância em aceitar tratamento.* É característico do doente alcoólatra dizer a todos que absolutamente não precisa da bebida e não costuma exagerar, que bebe porque gosta e não por necessidade, que a bebida não lhe faz mal, que as circunstâncias de sua vida ou as pessoas que o rodeiam são os responsáveis pelo seu beber ("Se você estivesse casado com minha mulher, você bebia também!"), e que pode largar a hora que quiser.

Claro que nada disso é verdade. As afirmações não passam de racionalizações e justificativas visando permitir que o alcoólatra continue abusando da bebida, fortalecendo sua dependência e infernizando a vida dos que com ele convivem. Entre os profissionais no campo de alcoolismo, essa atitude tem nome: nós a chamamos de **NEGAÇÃO**. O alcoólatra se utiliza dessas defesas *para negar sua realidade* e assim continuar bebendo.

Mas o alcoolismo é um processo progressivo e 100% fatal! O alcoólatra que não se trata, que não pára de beber, morre da bebida. E até morrer, gera aquele inferno cada vez maior para os que estão tentando ajudá-lo. E o pior é que o alcoólatra não só não percebe que se tornou dependente da bebida mas também não percebe que está negando sua realidade para poder continuar bebendo. Sua defesa psíquica consegue rebater todo esforço

para levá-lo a reconhecer que está bebendo demais e que precisa de ajuda. Os outros imploram, xingam, choram, ameaçam e se tornam totalmente desesperados. Quando finalmente telefonam para nós, dizem-nos que já tentaram tudo. Não sabem o que fazer.

Tentaram tudo — menos a mais aprimorada técnica jamais desenvolvida para levar o alcoólatra relutante a reconhecer-se dominado e a aceitar tratamento. É a **INTERVENÇÃO**, um método de ajudar aqueles que não querem ajuda e que funciona em 80% dos casos, mesmo com os alcoólatras mais teimosos! Você está dizendo, "Pode ser, mas com o meu aquilo não vai funcionar. Vocês não conhecem o meu!" Pois eu respondo, "Conhecemos, sim. E aposto que funciona com o seu também".

O método consiste em: (1) juntar em um grupo as pessoas mais importantes na vida do alcoólatra: seus familiares, parentes e amigos; (2) conscientizar estas pessoas da gravidade do alcoolismo e da necessidade de tratar o alcoólatra quanto antes; (3) explicar-lhes o que de errado fizeram até agora; longe de levar o alcoólatra a aceitar ajuda, levaram-no a afundar-se cada vez mais na bebida; (4) treiná-los na maneira correta de se comunicar com ele, e por fim (5) ensiná-los como convencê-lo a aceitar um tratamento, usando como instrumentos não a raiva e a agressividade e sim o amor, a compreensão e a unidade e força do grupo.

Se você achar que já fez de tudo para convencer seu alcoólatra a procurar ajuda e/ou a parar de beber, e não teve êxito, não desanime. Saiba que ainda lhe resta usar a técnica mais eficiente que existe para conseguir o que você quer. A *intervenção*, bem planejada e corretamente usada, é, sem dúvida, o maior avanço no campo de alcoolismo dos últimos cinquenta anos.

Temos observado que o alcoólatra cria uma situação de "ditadura" na sua família, amedrontando a esposa e os filhos de maneira a deixá-los virtualmente paralisados, sem individualidade e sem condições de levar o doente a aceitar o tratamento que salvará sua vida. E com as intervenções que temos feito, temos observado a quebra do medo familiar, a moralização do ambiente e o retorno a uma vida digna para todos os membros da família, inclusive para o alcoólatra.

Repetimos: estamos conseguindo um resultado positivo em mais de 80% das intervenções que temos feito com, no máximo, 3 a 5 sessões por caso. Temos absolutamente certeza que este método, cuja prática estamos introduzindo no Brasil (ele vem sendo largamente usado nos EUA há vários anos), chegará algum dia a ser considerado *a maneira* — carinhosa, rápida e eficaz — de levar o alcoólatra ao tratamento de que tanto precisa. Colocamo-nos à sua disposição para maiores esclarecimentos. Basta ligar para a Chácara Reindal em São Paulo: telefone (011) 520-9514. ■

Donald Lazo



### CHÁCARA REINDAL

Especializada em  
alcoolismo

*Sua melhor chance de se  
recuperar do alcoolismo e  
iniciar uma vida nova,  
produtiva e feliz.*

Cx. Postal 20.896  
01498 São Paulo, SP  
(Fone: (011) 520-9514)

# Usar a linguagem do catequizando para evangelizar melhor

*Pe. Eugênio Pessato, cmf*

Neste mês, nós começaremos a refletir o segundo período da história da catequese, que vai do século segundo (II) ao oitavo (VIII). Este período foi chamado PATRÍSTICO, pela importância que tiveram os primeiros padres da Igreja.

Na primeira parte deste estudo, veremos qual a situação da Igreja na época. Do ano 63 ao 313, mesmo em meio às perseguições, a Igreja começa a organizar-se, a liturgia fica muito em dependência das tradições judaicas, como não poderia deixar de ser; têm início também as primeiras missões e as primeiras tentativas de vida religiosa contemplativa.

Com o *Edito de Milão* a religião cristã torna-se oficial no império romano e, assim, começam a fazer parte da Igreja as pessoas cultas nas cidades e em seguida também as menos cultas, habitantes da zona rural. Sendo mais conveniente ser cristão, a partir de então, por motivações políticas, muitos se dizem convertidos e são assim batizados e passam a criar problemas por não terem sido anteriormente catequizados.

## I. A pré-evangelização

### 1. dos pagãos

Para converter um pagão ao cristianismo, era necessário, em primeiro lugar, provar-lhe que tantas calúnias que circulavam a respeito dos cristãos eram falsas. Era necessário também convencê-los de que o império romano era bom e tinha-se tornado cristão.

No pensamento filosófico, onde se encontravam os gregos, encontramos grandes pensadores cristãos, como São Justino e São Clemente, que distinguiram na filosofia pagã aquilo que era bom e o que não era tão ruim, mas mal interpretado.

Assim eles pretendiam mostrar e provar que a cultura grega, mesmo sendo pagã, também tinha coisas boas, que eram aceitas ou que poderiam ser aceitas pelos cristãos, e como não poderiam deixar de fazer, também mostravam a falsidade das religiões pagãs.

Portanto, para ser cristão, não era necessário deixar de ser grego, mas viver como grego-cristão. Duas são as conseqüências disso para a catequese do século II e III:

- a) o uso da linguagem e maneira de falar dos gregos para exprimir o "conteúdo" da catequese;
- b) o uso do pensamento filosófico, ou seja, da filosofia dos gregos para poder explicar-lhes e dizer-lhes quem é Deus, conforme a maneira de pensar dos gregos, porém com fundamentos cristãos.

São Justino fala de uma semente da verdade que Deus concedeu aos pensadores pagãos, e São Clemente acrescentava que eles tiveram também uma espécie de inspiração divina para procurarem a verdade. Chegaram até mesmo a afirmar que os filósofos pagãos, quando falam a verdade, é porque copiaram a Bíblia.

Tal coragem de dizer isso nos parece ainda maior quando pensamos nos perigos da heresia que a fé

corria naqueles tempos, particularmente o gnosticismo (doutrina pela qual se pretende chegar a Deus através do conhecimento total e absoluto de tudo) que ameaçava continuamente os vários caminhos que se abriam naquele momento na vida da Igreja.

Hoje, nós vivemos em um mundo não muito diferente, muitos ainda são os pagãos-batizados; explico: em nosso trabalho catequético, enfrentamos muitas dificuldades com os filhos de casais, que, mesmo tendo recebido o batismo, ainda não o assumiram e assim tudo ou quase tudo que nos esforçamos em passar para nossos catequizandos é destruído pela não vivência da Fé em suas famílias.

Encontramos ainda catequistas que justificam todos os meios para batizar ou dar a comunhão a uma criança, sem antes ter-se convencido da necessidade de evangelizar-se e de evangelizar a família de seus catequizandos.

Tendo nos olhos e na mente o que acabamos de ler, pergunto aos queridos e queridas catequistas:

- Conhecemos nossos catequizandos?
- Conhecemos seus familiares? sua história? sua vida?

Através do que aprendemos com o estudo que fizemos deste texto, procuremos agir como São Clemente e São Justino, utilizando a linguagem de nossos próprios catequizandos e os evangelizemos falando de Jesus e de sua e nossa Igreja. ■

## “COMERÃO E AINDA SOBRARÁ”

17.º domingo do tempo comum  
24/07/88

1.ª leitura: 2Rs 4,42-44

Conforme 2Rs neste capítulo, Eliseu sacia cem pessoas com vinte pãezinhos de cevada. Ao depararmos com o v. 42, vamos ver que a atitude do homem de Baal-Salisa foi colocar diante de Eliseu aquilo que ele tinha e que nem era dele, mas de Deus, e portanto trata-se de primícias, e pela bondade do indivíduo em colocar seu fruto do trabalho para as necessidades dos outros e pela bênção divina é que se multiplicam os pães e todos são saciados.

Este texto vem prefigurar o evangelho deste domingo, onde será esboçada para nós a imagem do banquete messiânico onde há abundância pela generosidade e partilha dos homens.

2.ª leitura: Ef 4,1-6

São Paulo vem elucidar aqui a importância da unidade como essência para a vida da Igreja; é por isso que ele cataloga as realidades divinas que formam a base da Igreja e que não podem ser divididas. Estas realidades são: corpo, Espírito, Senhor, fé, batismo e o próprio Deus. Nesta escola da unidade, Paulo dá as pistas para atingi-las, São elas: a humildade, a caridade e o respeito mútuo.

Evangelho: Jo 6,1-15

A multiplicação dos pães é sinal da missão de Cristo, porque ele é considerado o profeta escatológico. Acompanhando este sinal que é a multiplicação dos pães, está o discurso que evidencia o significado desse sinal; o fato ensina a ir além da realidade material para buscar algo mais oculto. João coloca no texto elementos que extravasam e nos revelam sinais como é o caso da Páscoa (v. 4), a montanha e o deserto (v. 3-15). São elementos que mostram e lembram a experiência do deserto e da salvação.

O fato da iniciativa de Jesus dar de comer, multiplicar os pães é sinal de que ele é o sujeito da ação, aquele que realmente é o profeta e rei-Messias.

Comentário

O tema central do evangelho deste domingo é o si-



nal que está por trás da multiplicação dos pães. Jesus, ao ver a multidão, primeiramente coloca Filipe à prova (v. 5), pois sabia bem o que faria. Então a multiplicação toma um sentido semelhante ao fato da distribuição dos pães de Eliseu; os pães de cevada, a generosidade de quem doa. Na multiplicação em João, a iniciativa parte de Jesus para que assim este fato da multiplicação prefigure que Cristo é o profeta e rei, o Messias que vem para saciar a fome do seu povo, não fome de pão, mas de conhecimento, fome de vida, e que Cristo quer que todos tenham vida. Nós temos a necessidade para conservar a vida, do alimento de cada dia, mas temos ainda a necessidade de um alimento forte que nos dê coragem, firmeza, força para nossos obstáculos em toda nossa vida. A eucaristia é este pão. É a segurança de que Deus nos ama, certeza da ressurreição, é Deus conosco.

DIA 25, 2.ª-f.: 2Cor 4,7-15; Mt 20,20-28. DIA 26, 3.ª-f.: Eclo 44,1.10-15; Mt 13,16-17. DIA 27, 4.ª-f.: Jr 15,10.16-21; Mt 13,44-46. DIA 28, 5.ª-f.: Jr 18,1-6; Mt 13,47-53. DIA 29, 6.ª-f.: Jr 26,1-9; Mt 13,54-58 ou prs: 1Jo 4,7-16; Jo 11,19-27 ou Lc 10,38-42. DIA 30, SÁBADO: Jr 26,11-16.24; Mt 14,1-12

## O SENHOR LHESS DEU O PÃO DO CÉU

18.º domingo do tempo comum  
31/07/88

1.ª leitura: Ex 16,2-4.12-15

Deus sacia o povo no deserto com maná — pode-se constatar nesta passagem em que, apesar da dureza de coração do povo com Javé, ele é muito generoso e socorre seu povo com o maná. Deus é providente até mesmo em nossas revoltas. O maná é um produto natural encontrado no deserto, mas na Sagrada Escritura e mais precisamente nesta leitura entrou como “pão descido do céu”, que no momento do desespero da travessia do deserto veio para alimentar o povo. Este “pão descido do céu” pode muito bem simbolizar Cristo como o Pão que, vindo do céu, nos alimenta, nos nutre para a eternidade.



2.ª leitura: Ef 4,17.20-24

Cristo se apresenta como o Homem Novo, onde se

plenifica a palavra de Gn 1,28: "O homem criado à imagem de Deus". Podemos ainda falar a partir deste texto, da unidade pregada por Paulo, e ainda mais da dignidade da vida cristã em que, pelo antagonismo homem velho-homem novo, ele discorre. Optar por Cristo é libertar-se do homem velho, do pecado do mundo, para que no Espírito vivamos na justiça, na santidade e formando assim o homem novo. O cristianismo então não é coisa do passado e sim do presente, pois cada dia mais vemos a necessidade de mais justiça e santidade que só o homem novo pode oferecer.

**Evangelho:** Jo 6,24-32

João, pela sua narrativa evangélica, coloca Jesus realizando novamente um sinal para revelar a sua Pessoa. Por outro lado percebemos que o povo não captou bem este sinal e o compreenderam na linha de suas necessidades materiais; para que haja compreensão de Sua Pessoa é preciso a ótica da fé, sem a qual não se sente ou não se entende o dar-se de Jesus como alimento pere-ne. Cristo quer mostrar que, assim como se tem necessidade do alimento material, deve-se ter necessidade do alimento espiritual que é ele próprio descido do céu, que não perece como o maná no deserto que se estragou.

**Comentário**

A liturgia de hoje apresenta a oposição entre maná, "o pão do céu" do AT, e Cristo como o verdadeiro "pão do céu" do NT. O maná no AT é um pão material que perece, algo dado através de Moisés que não passou de mero intermediário entre Javé e o povo. Ao maná Jesus se opõe com o Pão do NT, uma comida que não perece, que permanece para a vida eterna, algo realizado por mãos divinas e bem determinado. Cristo em pessoa, acolhido na fé. A oposição do pão do AT e do NT vem seguida de diálogo em que judeus aparecem preocupados com a lei por um lado, e por outro obtusos quanto à realidade de Deus. O maná no deserto era obra de Deus. Procurando ainda uma obra assim, Jesus lhes diz que a obra do Pai é acreditar no Filho. O sinal novo que Jesus dá e que é mais do que sinal é que Ele oferece a plenitude mesma de sua obra: Cristo faz o homem viver por sua palavra. O sinal de Cristo aqui neste evangelho não pode ser crido e aceito sem fé; é necessário não duvidar de que Cristo é o Pão da vida e que aquele que vai até ele e se sacia jamais terá fome, e quem nele crer jamais terá sede.

*Ademir Zanarelli, cmf*

AGOSTO: DIA 1, 2ª-f.: Jr 28,1-17; Mt 14,13-21 ou prs: Rm 8,1-4; Mt 5,13-19. DIA 2, 3ª-f.: Jr 30,1-2.12-15.18-22; Mt 14,22-36. DIA 3, 4ª-f.: Jr 31,1-7; Mt 15,21-28. DIA 4, 5ª-f.: Jr 31,31-34. DIA 5, 6ª-f.: Na 2,1.3; 3,1-3.6-7; Mt 16,24-28. DIA 6, SÁBADO: Dn 7,9-10.13-14; 2Pd 1,16-19; Mc 9,2-10.

# JESUS, O PÃO DA VIDA

*19.º domingo do tempo comum*  
07/08/88

**1ª leitura:** 1 Rs 19,4-8

Elias foge para o deserto diante da perseguição de Acaz e Jezabel. Tal experiência o leva a desacreditar no seu ministério e neste momento de fraqueza deseja morrer. O pão e a água que o alimentaram na hora do desânimo simbolizam a intervenção de Deus a favor dos seus eleitos, lembrando assim a experiência do povo de Deus no êxodo, alimentado com o maná do céu.



**2ª leitura:** Ef 4,30-5,2

A imitação das virtudes de Cristo é um tema constante nas exortações apostólicas, e tal atitude exige daqueles que seguem Jesus sacrifícios pessoais e fé no Espírito de Deus que habita em nós.

**Evangelho:** Jo 6,41-52

Este trecho é uma continuação do discurso do Pão da vida (dom. passado). Diante da reação dos judeus, Jesus conclui que estes não lhe pertencem, já que não se deixam ensinar. A partir desse fato Jesus revela-se como o "Pão da vida" e sua carne é vida para o homem que dela come, o que se consumará na Eucaristia, após a sua passagem pela morte.

**Comentário**

A liturgia deste domingo inicia-se invocando a fidelidade de Deus à sua aliança, simbolizada na figura de Elias, que refaz em sua vida a experiência de Israel no deserto. O Deus que alimentou seu povo na aflição caminha também com Elias. A comida dada a Elias prefigura o "pão descido do céu" (Evang.).

O pão e a água são sinais de Deus no meio dos homens. Neste sentido o discurso de Jesus para nós hoje toma um evidente significado eucarístico, a ponto da fé em Jesus estar relacionada aos sinais que o tornam visível sacramentalmente.

No centro da passagem evangélica está o tema da "vida" que Cristo veio realizar e revelar como dom aos homens, prefigurada no pão, ligada à palavra "carne", pelo esforço de trabalho humano que carrega esta em si. Todos esses elementos se articulam numa sociologia profunda, marcada por gestos concretos (2ª leit.) que geram vida, e vida alimentada no pão que é o próprio Cristo.

Jesus dá ao pão um significado e uma realidade to-

talmente nova, sinal de sua íntima comunhão com aqueles que nele crêm. O profundo significado familiar e humano que tem a refeição, como partilha da própria vida, gastada no suor do trabalho para produzir, são sinais catequeticamente válidos para compreendermos a rica e autêntica simbologia da Eucaristia.

**AGOSTO. DIA 8, 2ª-f.:** Ez 1,2-5.24-28c; Mt 17,22-27 ou prs.: 1Cor 2,1-10a; Lc 9,57-62. **DIA 9, 3ª-f.:** Ez 2,8-3,4; Mt 18,1-5.12-14. **DIA 10, 4ª-f.:** 2Cor 9,6-10; Jo 12,24-26. **DIA 11, 5ª-f.:** Ez 12,1-12; Mt 18,21-19,1 ou prs.: Fl 3,8-14; Mt 19,27-29. **DIA 12, 6ª-f.:** Ez 16,1-15.60.63; Mt 19,3-12. **DIA 13, SÁBADO:** Ez 18,1-10.13b.30-32; Mt 19,13-15.

## JESUS, ALIMENTO PARA A COMUNIDADE

*20.º domingo do tempo comum*  
**14/08/88**

**1ª leitura:** Pr 9,1-6

Neste trecho do livro dos Provérbios a sabedoria é personificada numa dona-de-casa que convida sua gente para um banquete. Os que vão à sua mesa e se servem do seu pão adquirem o conhecimento de Deus e dos homens, pois quem encontra a sabedoria e dela prova, encontrará a vida que não passa.



**2ª leitura:** Ef 5,15-20

Somos chamados a andar no mundo como sábios, procurando caminhar sempre na vontade do Senhor através da imitação de Cristo, num esforço contínuo de viver por meio do Espírito nossa autêntica vocação de filhos de Deus. Tal caminho para realizar na humanidade a luta contra o mal e restabelecer no seio da sociedade a harmonia e paz da dignidade do homem, torna-se um desafio para cada cristão assim como para a comunidade dos que seguem Jesus.

**Evangelho:** Jo 6,51-58

(conclusão do discurso do Pão da Vida) Jesus encontra-se novamente diante de um mal-entendido dos judeus, fruto de sua afirmação relativa ao “comer sua carne e beber seu sangue”, que é o anúncio de sua experiência humana e morte violenta. Estamos neste texto em contato com todo o realismo da encarnação de Jesus Cristo. Comendo a sua carne e bebendo o seu sangue, unimo-nos sacramentalmente à sua paixão e morte

para podermos partilhar também de sua vida plena, que se inicia aqui na terra, na prática da comunidade cristã, culminando na eternidade.

### Comentário

A proclamação do evangelho nos acena um novo escândalo dos judeus pelo qual João nos mostra que quem não participa da comunhão de fé não compreende o mistério de Deus em Jesus Cristo. As palavras e gestos de Jesus ganham verdadeiro significado e sentido na comunidade dos crentes. Neste sentido, o anúncio e enfoque de João no evangelho deste domingo vem nos revelar a consciência e prática eucarística da Igreja primitiva, cercada por perseguições e incompreensões.

Para eles, comer e beber o corpo e o sangue de Cristo é um gesto sapiencial (1ª leit.) pelo qual encontramos a vida, que, por sua vez, não se esgota na fração do pão, mas se prolonga e encontra real valor em todas as atividades da comunidade.

A Eucaristia prometida por Jesus no discurso torna-se uma maneira de viver para a comunidade cristã, no serviço, na caridade e na esperança (pão da vida eterna). A fração do pão é sem sombra de dúvida uma realidade eclesial na comunidade primeva, pois a vida divina comunicada por Cristo se faz pão e sustento na dura caminhada.

**DIA 15, 2ª-f.:** Ez 24,15-24; Mt 19,16-22. **DIA 16, 3ª-f.:** Ez 28,1-10; Mt 19,23-30. **DIA 17, 4ª-f.:** Ez 34,1-11; Mt 20,1-16a. **DIA 18, 5ª-f.:** Ez 36,23-28; Mt 22,1-14. **DIA 19, 6ª-f.:** Ez 37,1-14; Mt 22,34-40. **DIA 20, SÁBADO:** Ez 43,1-7a; Mt 23,1-12.

## SOLENNIDADE DA ASSUNÇÃO DE NOSSA SENHORA

*21.º domingo do tempo comum*  
**21/08/88**

**1ª leitura:** Ap 11,19a.12,1-6a.10ab

Tradicionalmente este trecho tem sido aplicado à Virgem Maria (principalmente por Santo Agostinho e São Bernardo), embora este sentido e aplicação seja estranho ao autor sagrado.

Aparece no céu uma mulher que gera o messias. As doze estrelas de sua coroa são as 12 tribos de Israel que prefiguram já o novo Israel, a



Igreja de Jesus Cristo. Estamos em contato com a simbólica linguagem apocalíptica, usada em seu sentido misterioso para proclamar a Palavra de Deus durante as perseguições sofridas pelas comunidades primitivas. Maria, na celebração de sua assunção, tem sua festa ilustrada por este texto, anunciando a certeza da glória futura, esperança do povo de Deus a caminho.

2.<sup>a</sup> leitura: 1 Cor 15,20-26

Às “primícias” segue a colheita. A partir deste argumento Paulo discorre sobre a crença na ressurreição, decorrente das “primícias” de Jesus, ressuscitado dentre os mortos. Nesta certeza da vida futura Maria já está associada a Cristo pela sua vitória. No caminho aberto por ela a comunidade aumenta a sua esperança de participar da glória eterna do Pai e apressa aqui na terra os seus passos, pela luta por uma vida digna, prefigurando o Reino que virá.

Evangelho: Lc 1,39-56

O cântico do Magnificat revela a compreensão de Maria sobre a ação de Deus na história. O poder e agir divino são proclamados em seu canto de alegria como “poder dos fracos”, evitando suas conotações humanas e conquistadoras, mas na elevação do que é pequeno e humilde. É no que o mundo considera fraco que Deus manifesta seu poder e sua glória. O canto de Maria resume toda a História da Salvação, revelando a novidade do pensamento do Pai, que vem transtornar os projetos e sabedorias humanas.

Comentário

A solenidade da Assunção de Nossa Senhora foi desde o início festejada como festa da “Dormição”, embora se ignore na realidade quando se deu a morte de Maria.

Assim, podemos afirmar que esta festa é, na sua mais perfeita origem, uma “homenagem” feita a Maria pelos fiéis que viam e vêem nela a glorificação da Igreja, já que ela é a primeira dentre os fiéis a alcançar a glória do Pai. Desta consciência certamente brotou a facilidade em relacionar o texto de Ap 12 (1.<sup>a</sup> leit.), originariamente uma menção ao povo de Deus no tempo da perseguição, à Mãe de Jesus.

O texto do Magnificat ganha atualidade em nosso tempo de maneira bastante especial, pois anuncia um Deus que recorre aos humildes para realizar suas obras. Maria representa em seu canto a esperança e suspiro de todo oprimido e marginalizado. Sua glorificação é a elevação de todos os que em sua indignidade esperam no Senhor.

José Carlos Fernandes, cmf

DIA 22, 2.<sup>a</sup>-f.: 2Ts 1,1-5.11b-12; Mt 23,13-22. DIA 23, 3.<sup>a</sup>-f.: 2Cor 10,17-11,2; Mt 13,44-46. DIA 24, 4.<sup>a</sup>-f.: Ap 21,9b-14; Jo 1,45-51. DIA 25, 5.<sup>a</sup>-f.: 1Cor 1,1-9; Mt 24,42-51. DIA 26, 6.<sup>a</sup>-f.: 1Cor 1,17-25; Mt 25,1-13. DIA 27, SÁBADO: 1Cor 1,26-31; Mt 25,14-30.

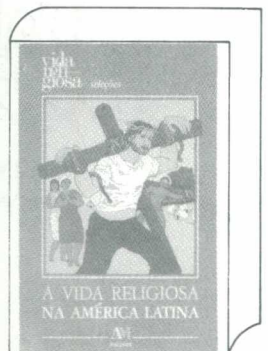
QUE BOM  
QUE VOCÊ VEIO!  
(Recado do Cortês)





**DEUS FUTURO DO HOMEM** — Segundo Galilea, AM edições, 61 págs. A reflexão feita pelo autor leva o leitor a concluir que a vida futura é a Plenitude do Reino. Que o futuro do homem é o Reino, mas ele também deve ser vivido no agora. Muitas vezes o homem sente-se insatisfeito, porque nem sempre procura aproximar-se de Deus que é o futuro dele e o único que poderá libertá-lo. A Igreja é a mediação pela qual podemos experimentar a antecipação da vida futura.

**A VIDA RELIGIOSA NA AMÉRICA LATINA** — M. Lina Boff e outros, AM edições, 124 págs. Este livro faz parte da série "Vida Religiosa" (seleções). Teólogos e teólogas latino-americanas colocam sua colaboração a serviço dos leitores. Eles permitem contemplar e interpretar tudo o que hoje o Espírito faz. São depoimentos que destacam: os sinais dos tempos exigem uma vida religiosa mais profética, com mais testemunhas, mais mártires, "uma vida religiosa de alto risco".

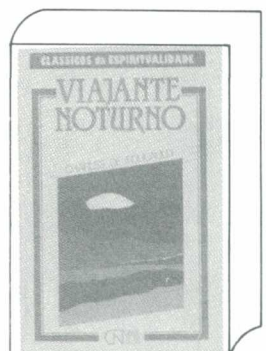


**O QUE É PRECISO SABER SOBRE OS SACRAMENTOS** — Antônio Afonso de Miranda, Editora Santuário, 39 págs. Mais um livro publicado por Antônio Afonso de Miranda. Este opúsculo é uma opção a mais para se dar uma visão global e prática sobre os 7 sacramentos. Após cada capítulo, há um resumo do mesmo, o que facilita a fixação da matéria apresentada. A finalidade dessas publicações é que os leitores conheçam melhor os sacramentos e saibam desfrutá-los melhor.

**VIAJANTE NOTURNO** — Charles de Foucauld, Editora Cidade Nova, 125 págs. Esta obra é o 6º volume da coleção "Clássicos da Espiritualidade". Nela encontramos, na introdução, a biografia de Charles de Foucauld. Há ainda 3 partes: meditações, pensamentos e "programa de vida" do biografado. Seu amor e sua existência cheia de testemunho do Evangelho foi origem de uma multidão de homens e mulheres que o seguiram: os "irmãozinhos e as irmãzinhas" de Foucauld, hoje presentes quase no mundo inteiro.

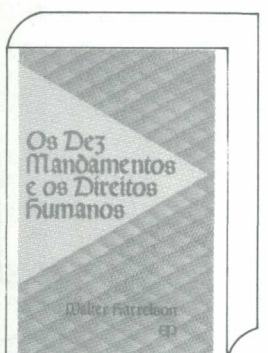


**O QUE É A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO** — Carlos Bazarra, Edições Paulinas, 70 págs. A Teologia da Libertação é aqui exposta de um modo simples, esclarecendo que é uma espiritualidade que vai ao encontro das necessidades do nosso povo pobre e humilde. O autor tira as dúvidas e apresenta os fundamentos teológicos, antropológicos e eclesiológicos que sustentam a prática da teologia libertadora. Excelente livro para estudantes de teologia e animadores de comunidades.



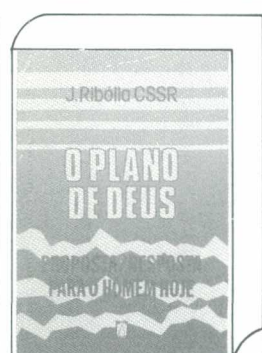
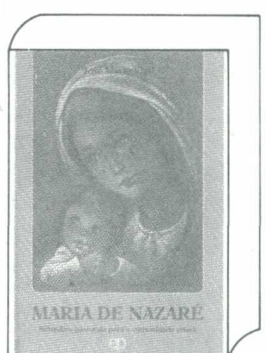
**O RÁDIO DOS POBRES** — M. Immacolata Vassalo de Lopes, Edições Loyola, 191 págs. Este livro é o resultado de uma pesquisa que teve como objetivo estudar os efeitos ideológicos do discurso radiofônico popular sobre as populações marginais que vivem em ambiente urbano. A autora pretende chamar a atenção para a importância de que se revestem os discursos de massa de grande penetração popular e motive outros a continuarem o seu estudo.

**OS DEZ MANDAMENTOS** — Thomas C. Chady, Editora Vozes, 71 págs. De maneira simples, clara, concreta o autor consegue levar o leitor a julgar as próprias atitudes à luz da palavra de Deus. No fim de cada capítulo, há um questionário que auxilia no conhecimento da vontade de Deus para conosco. A finalidade do livro é levar quem o lê a um compromisso de vida, para chegar aos à formação de uma Nova So-ciedade de Fé.



**A CRISTANDADE COLONIAL** — Riolando Azzi, Editora Vozes, 152 págs. O livro mostra que a cristandade era utilizada, na época colonial, como instrumento ideológico para garantir a eficácia do projeto colonial lusitano, favorecendo deste modo os interesses políticos, econômicos e culturais da metrópole. Este estudo representa um esforço de análise das principais cosmovisões vigentes nos primeiros séculos da época colonial brasileira.

**MARIA DE NAZARÉ** — José Maria Vigil, Edições Paulinas, 139 págs. Apresentamos aqui 31 celebrações marianas: as do mês de Maria, algumas novenas ou outras celebrações. A apresentação é clara, sucinta e comunicativa. É um livro útil para grupos e comunidades de oração e de pastoral para comunidades religiosas ou seminários, na oração pessoal e na oração comunitária. O próprio autor adverte que se deve "selecionar, corrigir, substituir, adaptar" os conteúdos.



**O PLANO DE DEUS** — J. Ribolla, Editora Santuário, 326 págs. Uma maneira simples e ao mesmo tempo profunda de apresentar a matéria. Após cada parte, um gráfico ilustrando o assunto e no fim do livro uma "síntese gráfica" do Plano de Deus. Com a leitura e reflexão deste livro, o leitor se encaminhará para um compromisso através de uma vida de fé como resposta à proposta do plano de Deus. Livro recomendado para palestras e dirigentes de comunidades e em especial a todos os cristãos.

Assinale nos quadrinhos a quantidade de livros desejados e remeta este cupom para:

LIVRARIA AVE MARIA  
Cx. Postal 54.215  
01226 — SÃO PAULO

(Tels.: 66-0582 e 825-0700)

- Deus futuro do homem .....Cz\$ 254,00  
 A vida religiosa na América Latina .....Cz\$ 510,00  
 O que é preciso saber sobre os sacramentos.....Cz\$ 60,00  
 Viajante noturno .....Cz\$ 280,00  
 O que é teologia da libertação .....Cz\$ 110,00

- O rádio dos pobres.....Cz\$ 650,00  
 Os dez mandamentos .....Cz\$ 250,00  
 A cristandade colonial.....Cz\$ 510,00  
 Maria de Nazaré.....Cz\$ 210,00  
 O plano de Deus .....Cz\$ 540,00

Nome: \_\_\_\_\_

Rua \_\_\_\_\_ N° \_\_\_\_\_

Cidade \_\_\_\_\_ Estado \_\_\_\_\_

CEP \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Obs.: Atendemos por Reembolso Postal. Pedidos de valor inferior a Cz\$ 50,00 deverão vir acompanhados do respectivo pagamento, por vale postal ou selos novos do Correo.



# A LADAINHA DE N. SENHORA

Preencha com vogais os espaços e você completará inovações da ladainha de nossa Senhora. Quando os dois quadros estiverem prontos, as três citações bíblicas aparecerão. Procure-as na Bíblia e reflita sobre as mesmas.

(Lc 1,38)

V\_RG\_M\_F\_\_L  
 R\_\_NH\_\_D\_\_S\_\_NT\_\_R\_\_S\_\_R\_\_  
 RC\_\_D\_\_L\_\_NÇ\_\_  
 V\_\_S\_\_SP\_R\_T\_\_L  
 M\_\_P\_\_R\_\_SS\_M\_\_  
 S\_\_D\_\_DA\_\_S\_\_B\_\_D\_\_R\_\_  
 M\_\_D\_\_B\_\_M\_\_C\_\_NS\_\_LH\_\_  
 R\_\_NH\_\_D\_\_S\_\_M\_\_RT\_\_R\_\_S\_\_  
 M\_\_D\_\_M\_\_R\_\_V\_\_L\_\_  
 R\_\_NH\_\_D\_\_S\_\_NJ\_\_S\_\_  
 V\_\_RG\_\_M\_\_L\_\_V\_\_V\_\_L\_\_  
 C\_\_S\_\_D\_\_N\_\_SS\_\_L\_\_GR\_\_  
 S\_\_NT\_\_V\_\_RG\_\_M\_\_D\_\_S\_\_V\_\_RG\_\_NS\_\_  
 M\_\_D\_\_D\_\_V\_\_N\_\_GR\_\_Ç\_\_  
 R\_\_NH\_\_S\_\_S\_\_NT\_\_C\_\_  
 V\_\_RG\_\_M\_\_B\_\_N\_\_GN\_\_  
 R\_\_NH\_\_D\_\_T\_\_D\_\_S\_\_S\_\_S\_\_NT\_\_S\_\_  
 C\_\_S\_\_D\_\_RO\_\_  
 S\_\_NT\_\_M\_\_D\_\_D\_\_US\_\_  
 R\_\_NH\_\_D\_\_S\_\_P\_\_ST\_\_L\_\_S\_\_  
 S\_\_D\_\_D\_\_S\_\_NF\_\_RM\_\_S\_\_  
 M\_\_D\_\_S\_\_LV\_\_D\_\_R\_\_  
 R\_\_NH\_\_C\_\_NC\_\_B\_\_D\_\_S\_\_M\_\_P\_\_C\_\_D\_\_R\_\_G\_\_N\_\_L\_\_  
 S\_\_NT\_\_M\_\_R\_\_  
 SP\_\_LH\_\_D\_\_J\_\_ST\_\_Ç\_\_  
 M\_\_DO\_\_CR\_\_D\_\_R\_\_  
 V\_\_RG\_\_M\_\_V\_\_N\_\_R\_\_V\_\_L\_\_  
 STR\_\_L\_\_D\_\_M\_\_NH\_\_  
 M\_\_M\_\_V\_\_L\_\_

(João 2,5)

V\_\_S\_\_H\_\_N\_\_R\_\_F\_\_C\_\_  
 M\_\_M\_\_C\_\_L\_\_D\_\_  
 R\_\_NH\_\_D\_\_P\_\_Z\_\_  
 P\_\_RT\_\_D\_\_C\_\_U\_\_  
 R\_\_NH\_\_D\_\_S\_\_PR\_\_F\_\_T\_\_S\_\_  
 C\_\_NS\_\_L\_\_D\_\_R\_\_D\_\_S\_\_FL\_\_T\_\_S\_\_  
**B\_\_M\_\_V\_\_NT\_\_R\_\_D\_\_S\_\_T\_\_Q\_\_CR\_\_ST\_\_** (Lc 1, 45)  
 R\_\_F\_\_G\_\_D\_\_S\_\_P\_\_C\_\_D\_\_R\_\_S\_\_  
 M\_\_D\_\_J\_\_S\_\_S\_\_CR\_\_ST\_\_  
 R\_\_NH\_\_D\_\_S\_\_V\_\_RG\_\_NS\_\_  
 UX\_\_L\_\_D\_\_S\_\_CR\_\_ST\_\_OS\_\_  
 M\_\_NT\_\_CT\_\_  
 T\_\_RR\_\_D\_\_D\_\_V\_\_  
 R\_\_NH\_\_D\_\_S\_\_C\_\_NF\_\_SS\_\_R\_\_S\_\_  
 R\_\_S\_\_M\_\_ST\_\_C\_\_  
 V\_\_RG\_\_M\_\_P\_\_D\_\_R\_\_S\_\_  
 R\_\_INH\_\_D\_\_S\_\_P\_\_TR\_\_RC\_\_S\_\_  
 V\_\_S\_\_NS\_\_GN\_\_D\_\_D\_\_V\_\_Ç\_\_  
 M\_\_C\_\_ST\_\_SS\_\_M\_\_  
 T\_\_RR\_\_D\_\_M\_\_RF\_\_M\_\_  
 V\_\_RG\_\_M\_\_PR\_\_UD\_\_NT\_\_SS\_\_M\_\_

## UMA HOMENAGEM

(à revista Ave Maria pelos seus 90 anos)



Noventa anos de existência,  
 Ó pródiga sementeira.  
 Com a tua persistência,  
 És de graças medianeira.

Ave Maria, a revista,  
 A que fala de Maria.  
 Por isso tudo conquistas,  
 Ensinando a ave-maria...

Falas com tanta ternura  
 Da Virgem Mãe de Jesus:  
 Da mulher que é brandura...  
 Do mundo, esperança, luz.

E do ano mariano,  
 Neste a celebração,  
 É Maria demonstrando,  
 A ti, sua gratidão

Antevejo-lhe o centenário  
 De amor e exaltação  
 À cruz de Cristo e do rosário  
 Da Virgem da Conceição!  
 E pelos confins da terra,  
 Bendita será Maria,  
 Pela beleza que encerra  
 Tua obra, Ave Maria.

Continua na tua labuta.  
 Divulga, sempre, Maria...  
 Pelos noventa de lutas...  
 Parabéns, Ave Maria!

M. Campos de Abreu Soares Ribeiro

(Belo Horizonte - MG)

# A imagem da criança refletida no menor abandonado

A falta de informação faz com que o número de crianças abandonadas cresça a cada dia, por isso gostaria que as autoridades alertassem mais aos pais carentes sobre o assunto.

Tendo em vista a situação, gostaria que todas as pessoas não encarassem esses menores como marginais, mas que ao baterem em sua porta não lhes negassem um prato de comida. As pessoas deveriam saber que, se eles se tornam pequenos assaltantes pelo qual todos reprimam sua existência, é pelo fato da revolta de não terem tido pais; nem mesmo um lar. Isso é que os leva a lutar por sua própria sobrevivência.

E por que não trabalham? Pelo fato dos donos de lojas e demais supermercados temerem um

menor dentro de seu estabelecimento.

Não sou grande demais para saber o que está errado, mas sei que a falta de humanidade contribui para a carência do menor. O que está certo ninguém sabe, pois são feitos diversos comerciais de TV, apelos etc., mas o menor continua na rua e o número crescendo a cada dia. Quanto às crianças de minha idade que precisam trabalhar, dependendo da situação financeira de casa, é irremediavelmente necessário, mas creio que esta criança vai crescer com uma revolta dentro de si, por não ter tido uma infância como as outras. Do mesmo jeito que esta revolta irá crescendo quando mais velha a criança perceber a necessidade de uma escola, coisa que ela não pôde ter na infân-

cia, e que agora pelo mesmo motivo ou preconceito de idade desiste de frequentar uma. Quanto às crianças pobres e que passam fome acho que estas são as mais prejudicadas. Desde que o pão falta em sua casa, começa a revolta e ela vai querer começar a roubar para saciar sua fome, daí não saindo mais da rua e considerando esta o seu lar.

A guerra na minha opinião se resume em violência, ou seja, violência que sofrem os menores abandonados, com o chamado preconceito e também a violência física. E aos fabricantes de brinquedos de guerra que os fazem sem maldade, para trocá-los por brinquedos educativos, pois muitas vezes as fantasias maldosas das crianças se tornam agressivas; devemos transfor-



mar essas fantasias em outras culturais.

"Crianças, o impossível pode virar possível desde que o ser humano se torne ser humano e que seu coração de pedra se torne amolecido, então vocês poderão trocar as praças, as marquises e a rua por um lar, once vocês poderão ter pessoas e chamá-las de pais".

(C.M.C., 11 anos — Ouro Preto, MG)

## RELENDO A BÍBLIA

### RESULTADO

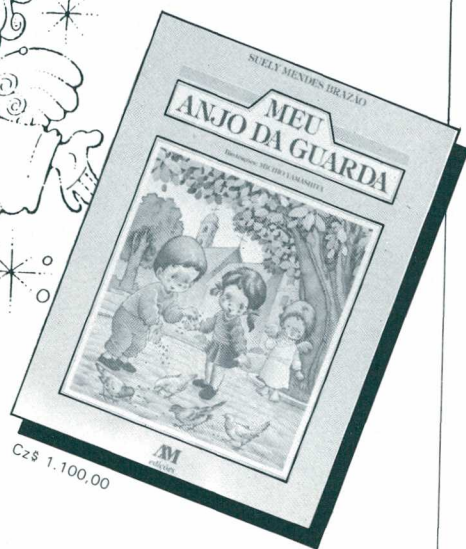
(João 8,5)

VASO HONORÍFICO  
 MÃE IMACULADA  
 RAINHA DA PAZ  
 PORTA DO CÉU  
 RAINHA DOS PROFETAS  
 CONSOLADORA DOS AFLITOS  
 BEM-AVENTURADA ÉS TU QUE CRESTE (Lc 1, 45)  
 REFUGIO DOS PECADORES  
 MÃE DE JESUS CRISTO  
 RAINHA DAS VIRGENS  
 AUXÍLIO DOS CRISTÃOS  
 MÃE INTACTA  
 TORRE DE DAVI  
 RAINHA DOS CONFESSORES  
 ROSA MÍSTICA  
 VIRGEM PODEROSA  
 RAINHA DOS PATRIARCAS  
 VASO INSIGNE DE DEVOÇÃO  
 MÃE CASTÍSSIMA  
 TORRE DE MARFIM  
 VIRGEM PRUDENTÍSSIMA

(Lc 1,38)

VIRGEM FIEL  
 RAINHA DO SANTO ROSARIO  
 ARCA DA ALIANÇA  
 VASO ESPIRITUAL  
 MÃE PURÍSSIMA  
 SEDE DA SABEDORIA  
 MÃE DO BOM CONSELHO  
 RAINHA DOS MÁRTIRES  
 MÃE ADMIRÁVEL  
 RAINHA DOS ANJOS  
 VIRGEM LOUVÁVEL  
 CAUSA DE NOSSA ALEGRIA  
 SANTA VIRGEM DAS VIRGENS  
 MÃE DA DIVINA GRAÇA  
 RAINHA ASSUNTA AO CÉU  
 VIRGEM BENIGNA  
 RAINHA DE TOLOS OS SANTOS  
 CASA DE OURO  
 SANTA MÃE DE DEUS  
 RAINHA DOS APÓSTOLOS  
 SAÚDE DOS ENFERMOS  
 MÃE DO SALVADOR  
 RAINHA CONCEBIDA SEM PECADO ORIGINAL  
 SANTA MARIA  
 ESPELHO DE JUSTIÇA  
 MÃE DO CRIADOR  
 VIRGEM VENERÁVEL  
 ESTRELA DA MANHÃ  
 MÃE AMÁVEL

## MEU ANJO DA GUARDA



64 páginas impressas em papel de primeira qualidade, a cores. Formato 23 x 31 cm.

Para crianças dos 7 aos 12 anos, este livro, em luxuosa apresentação, é uma excelente sugestão para presente de aniversário, de Natal, de Páscoa, para o Dia da Criança ou ainda como lembrança da Primeira Eucaristia.

Pode ser também uma bela sugestão para presente de fim de ano, oferecido por empresas, principalmente empresas de produtos infantis e juvenis.

**Meu Anjo da Guarda** — fartamente ilustrado a cores — traz 14 histórias, breves e simpáticas, sobre crianças de nossos dias, em vários ambientes, com seus problemas ora simples, ora complexos.

Por trás dos 14 temas das historinhas estão valiosos ensinamentos — correspondentes às 14 *obras de misericórdia* ensinadas por Jesus — que levarão as crianças a cultivarem bons hábitos e puros sentimentos.

Faça já o seu pedido e receba pelo reembolso postal, escrevendo para:

**EDITORA AVE MARIA LTDA.**

Rua Martim Francisco, 656

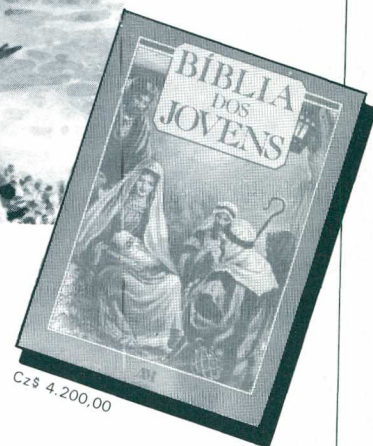
01226 - São Paulo - SP

**CAIXA POSTAL 54.165**

01296 - São Paulo - SP

ou ainda pelo telefone (011) 826-6111

## BÍBLIA DOS JOVENS



### A Bíblia dos Jovens

orgulhosamente apresenta seus mais famosos episódios, tão atuais como as aventuras emocionantes de nossos dias:

#### A passagem do Mar Vermelho

- Uma caminhada em meio a um escaldante deserto.
- Um povo perseguido por um exército impiedoso.
- O mar que se abre milagrosamente.

#### Davi e o gigante Golias

- Um jovem em luta contra um gigante.
- A vitória da inteligência contra a força.
- A conquista de um reino.

#### Ester e o rei da Pérsia

- Um sensacional concurso de beleza.
- A inveja de um homem mau.
- Uma mulher que salva o povo com seu amor.

#### O massacre das criancinhas

- Um rei corrupto que teme perder o poder.
- Milhares de crianças mortas pela espada cruel dos soldados.
- A fuga heróica de um casal de jovens para salvar seu bebê.

#### O julgamento

- As tramas e armadilhas dos políticos.
- Uma grande injustiça social.
- A condenação de um inocente.

#### Viagens pelo mar

- Um homem que tudo arrisca pelo seu ideal.
- Um navio que enfrenta tempestades noturnas.
- O grande naufrágio.

Estas e muitas outras aventuras estão em cartaz nesta novíssima **Bíblia dos Jovens** — **Ilustrada**, feita especialmente para você, jovem, que gosta de aventuras, emoções, mistério, guerras, conquistas e grandes vitórias!

A **Bíblia dos Jovens**, impressa em 528 páginas, formato 22 x 29 cm, vem enriquecida com mais de 400 ilustrações, totalmente a cores, de grande qualidade artística. É uma ótima sugestão para presentear adolescentes e jovens, por seu conteúdo e apresentação. E podemos garantir que também os adultos e crianças vão adorá-la...

Agora  
no Brasil!

## SÉRIE HISTORINHAS DA BÍBLIA

Faça já o seu pedido e receba pelo reembolso postal, escrevendo para:

EDITORA AVE MARIA LTDA.  
Rua Martim Francisco, 656  
01226 - São Paulo - SP  
CAIXA POSTAL 54.165  
01296 - São Paulo - SP  
ou ainda pelo telefone (011) 826-6111

Cz\$ 215,00 (cada livro)



32 páginas totalmente ilustradas a cores.  
Formato prático de 11,5 x 16,5 cm

Série de pequenas obras infantis, fartamente ilustradas, que tem alcançado expressivo sucesso em vários países da Europa e da América.

Empregando recursos próprios da narrativa infantil — como frases curtas, diálogos breves, palavras onomatopáicas, animais personificados — as **Historinhas da Bíblia** destinam-se em princípio a crianças entre 3 e 8 anos de idade. Mas têm também despertado o interesse de crianças maiores como atestam as seguintes opiniões:

“Adotei os volumes das **Historinhas da Bíblia** como obra paradidática para os alunos da 1.ª à 4.ª séries da escola onde trabalho. Foi um sucesso. As crianças desenvolveram muito o conhecimento da Bíblia e da religião, dedicaram-se mais ao desenho, e, principalmente, *interessaram-se bastante pela leitura*”.

Maria Dolores Sánchez  
Orientadora Pedagógica de Escola Pública  
Espanha

“Tenho três filhos de 12, 10 e 7 anos. Comprei um livrinho para cada um das **Historinhas da Bíblia**. Eles gostaram tanto que agora não param de pedir a mim e à minha mulher para comprar os outros da série. Para dizer a verdade, eles já têm todos os volumes...”

Jorge Piagentini  
Argentina

“Em nossa escola ministramos o ensino religioso, que contudo não é obrigatório. Desde que adotamos as **Historinhas da Bíblia** referentes ao Antigo Testamento como obras de apoio às nossas aulas, constatamos um incrível aumento de interesse das crianças pelas aulas de Religião”.

Judy Klein  
Professora da Escola Israelita  
Inglaterra

Compre hoje mesmo para seus filhos ou alunos um ou mais exemplares das **Historinhas da Bíblia**. Você vai gostar dos livros. Mas as crianças vão adorar!

### Títulos já lançados

O filho pródigo  
O dia de ramos  
A festa de Natal  
Jesus ressuscitou!  
O soldado que dava ordens  
O caminho da cruz  
José ajuda seus irmãos  
E o mar se abriu...  
Um bebê dentro de um cesto  
Zaqueu e Jesus  
José, o sonhador  
A grande família de Abraão

### Próximos lançamentos

Leonel, o paralítico  
A ovelhinha perdida  
Gedeão, o valente  
O bom samaritano  
O trigo e a erva malvada  
A multiplicação dos pães  
Deus fez o mundo  
Sansão, o superforte  
Daniel e os leões  
Jesus anda sobre o mar  
Davi e o gigante Golias  
A arca de Noé